

ADINETE SOUSA DA COSTA

**Psicólogo na escola:
Avaliação do projeto “Vôo da Águia”**

**PUC-Campinas
2005**

ADINETE SOUSA DA COSTA

Psicólogo na escola:

Avaliação do projeto “Vôo da Águia”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Escolar.

Orientadora: Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo

PUC-Campinas

2005

ADINETE SOUSA DA COSTA

**Psicólogo na escola:
Avaliação do projeto “Vôo da Águia”**

BANCA EXAMINADORA

Campinas, 15 de Dezembro de 2005.

1º Examinador: _____
Prof. Dra. Claisy Maria Marinho-Araujo

2º Examinador: _____
Prof. Dr. Fernando González Rey

Presidente e orientadora: _____
Prof. Dra. Raquel Souza Lobo Guzzo

**PUC-Campinas
2005**

Dedico este trabalho aos meus pais, Airton e Arlinete, que no decorrer de minha vida me ensinaram a importância de estabelecer relações saudáveis e afetivas, preocupando-se sempre com o outro. Este ensinamento contribuiu para a minha escolha em ser Psicóloga.

Agradecimientos

Por ser uma pessoa cristã, agradeço primeiramente à **Deus**, que pelo seu poder onipresente esteve sempre ao meu lado, dando-me força e esperança para alcançar os objetivos de minha vida.

Aos meus amados pais, **Airton e Arlinete**, que sempre me orientaram por meio do diálogo, dando-me liberdade para fazer as escolhas de minha vida, permitindo assim, que eu fosse sujeito de minha própria história.

Aos meus queridos irmãos, **Airton Luís e Andréa**, com quem eu aprendi o significado das palavras compartilhar e amizade. Muita obrigada por essa certeza de que sempre teremos um ao outro nessa vida. Amo vocês!!

À **Vivien**, que passou da categoria de cunhada para irmã, tornando-se uma pessoa que admiro muito, sempre disposta a ajuda.

Às minhas sobrinhas e afilhadas **Samira, Luana e Ana Letícia**, que apesar da ausência sou sempre recebida em minha terra natal com muitos beijos e cartinhas de amor.

Às minhas amigas de São Luís, **Jeanne, Ana Raquel e Márcia**, que durante toda a nossa convivência sempre proferiram palavras de tranquilidade e estímulos nos momentos difíceis de minha vida.

À minha orientadora **Raquel Guzzo**, que contribuiu para o meu amadurecimento pessoal e profissional. Obrigada pela acolhida em Campinas, pelas idas à comunidade, à escola, à eventos, enfim, por esta companhia constante que me ensinou o que é ser Psicólogo Escolar.

À minha amiga, **Mara**, que me acolheu com muito carinho em Campinas, uma pessoa que sempre vou poder recorrer quando estiver precisando de colo e conselhos.

Aos meus amigos do **grupo de pesquisa** (GEP) Mara, Márcia, Fernando, Toninho, Izabella, Ana Paula, Luís e Izabella, que no decorrer desses dois anos me ajudaram a romper com esta minha timidez. Calma gente!!! Isso é um processo!!!

Ao **Fernando** e a **Izabella**, pelas preciosas reflexões oferecidas para a finalização de minha dissertação.

Ao Prof. Dr. **Fernando González Rey** e à Profa Dra. **Solange Wechsler** pelas contribuições oferecidas no momento do exame de qualificação.

Às minhas estagiárias, **Aline** e **Marcela**, por nós termos construído uma relação de educador e educando, em constante mudança de posição.

Às participantes de minha pesquisa, **professoras e monitoras**, da CEMEI.
Obrigada por permite um trabalho em conjunto, visando o bem-estar de todas as
pessoas da escola.

A **Capex**, pela concessão da bolsa de mestrado, fundamental para a minha
estadia nesta cidade e conseqüentemente pelo desenvolvimento dessa
dissertação.

Costa, Adinete Sousa (2005). Psicólogo na escola: avaliação do projeto “Vôo da Águia”. Dissertação de Mestrado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 132 p.

RESUMO

Considerando que muito se tem pesquisado e discutido a respeito da intervenção preventiva do Psicólogo Escolar, este trabalho se propõe não apenas a elucidar algumas questões sobre a atuação deste profissional, mas, também, a discutir um projeto de intervenção preventiva que tem como objetivo primordial promover o desenvolvimento saudável dos alunos. O embasamento teórico da pesquisa está delineado com base em quatro eixos de discussão: o primeiro eixo considera alguns aspectos importantes sobre a formação e atuação do psicólogo escolar no Brasil; o segundo traz alguns fundamentos teóricos a respeito do conceito de saúde e prevenção, além de evidenciar o papel da escola na promoção da saúde; o terceiro faz uma breve explanação sobre a Abordagem Ecológica trazendo alguns conceitos básicos; e, por último, são apresentados a história e os objetivos do projeto “Vôo da águia: prevenindo problemas sócio-emocionais e promovendo saúde”, coordenado pela Prof^a. Dr^a Raquel Souza Lobo Guzzo. É importante considerar que esta proposta encontra-se inserida no projeto maior “Do risco à Proteção: uma intervenção preventiva na comunidade”. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral avaliar uma proposta de intervenção preventiva em Psicologia no contexto educativo, denominado projeto “Vôo da Águia”, desenvolvida em uma creche municipal situada na região Leste da cidade de Campinas. O trabalho adota como metodologia a pesquisa qualitativa, tendo, no caso, duas fontes de coletas de dados: os diários de campo da psicóloga e a entrevista semi-estruturada com os educadores da escola. Por meio da coleta destes dados, foi observada uma avaliação positiva deste projeto na visão dos educadores, considerando a importância de um trabalho interdisciplinar quando se busca o desenvolvimento saudável das crianças, além de considerarem importante o trabalho com os pais.

Palavras-chaves: Psicólogo Escolar, Saúde, Prevenção e Abordagem Ecológica.

Costa, Adinete Sousa (2005). Psychologist at school: evaluation of the project “Vôo da Águia” (“Eagle’s Flight”). Master’s Degree Dissertation. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 132 p.

ABSTRACT

Considering that there have been many studies and much discussion about the School Psychologist’s preventive intervention, this work proposes, not only to elucidate some questions about that professional’s performance, but also to discuss a project of preventive intervention that has as its primordial goal the students’ healthy development promotion. The research’s theoretical basis has been delineated based on four axes of discussion: the first consider some important aspects of the school psychologist’s education and performance in Brazil; the second bring some theoretical bases in the concept of health and prevention, besides evidencing the school’s role in health’s promotion; the third explain briefly the Ecological Approach, bringing some of its basic concepts; in for end, the history and goals of “Vôo da Águia: prevenindo problemas sócio-emocionais e promovendo saúde” Project, coordinated by Professor Doctor Raquel Souza Lobo Guzzo, will be presented. It is important to consider that this proposal is inserted in the major project “Do risco à proteção: uma intervenção preventiva na comunidade”. Thus, the present research has as general goal the evaluation of a proposal of preventive intervention in Psychology in the education context, named “Vôo da Águia” Project, developed in a municipal day care center located in East Campinas. The piece of work adopts as its methodology the qualitative research that contain two sources of collecting data: psychologist’ Field Daily and the semi-structured Interview with the school educators. Through data collection, a positive assessment of this project has been observed in the educators’ view that ponders the importance of an interdisciplinary work when the children’s health development is searched and considers important the work with parents.

Key Words: School Psychologist, Health, Prevention, Ecological Approach.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

ÍNDICE DE ANEXOS

ÍNDICE DE QUADROS

LISTA DE ABREVIATURAS

APRESENTAÇÃO	i
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	04
Capítulo I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
Formação e Atuação do Psicólogo Escolar no Brasil	10
Saúde e Prevenção: Fundamentos básicos para um novo modelo de atuação do Psicólogo Escolar	17
Inserção da Abordagem Ecológica na Atuação do Psicólogo Escolar ..	22
O Projeto “Vôo da Águia”	28
Objetivos	36
Capítulo II – MÉTODO	37
Cenário de Pesquisa	40
Escola	40
Fontes de Informação e Participantes	43
Material de coleta	45
Procedimentos	47
Capítulo III – RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
Capítulo IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXOS	

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1	Autorização para Consulta de Banco de Dados	98
Anexo 2	Protocolo de Análise dos Diários de Campo	99
Anexo 3	Termo de Consentimento de Agentes Educadores para a Participação na Pesquisa	100
Anexo 4	Roteiro de Entrevista para os Agentes Educadores	101
Anexo 5	Protocolo de Análise das Entrevistas com as Educadoras	103
Anexo 6	Análise das entrevistas com as Educadoras	114

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Caracterização dos Agentes Educadores	44
Quadro 2	Identificação da quantidade de diários de campos no período estudado	66
Quadro 3	Legenda dos Diários de Campo	67
Quadro 4	Atividades desenvolvidas pelo Psicólogo Escolar	68

LISTA DE ABREVIATURAS

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

CFP: Conselho Federal de Psicologia

ABRAPEE: Associação Brasileira de Psicologia e Educacional

LAMP: Laboratório de Avaliação e Medidas em Psicologia

ONG: Organização não Governamental

TD's: Trabalho Docente

CRAS: Coordenadoria Regional da Assistência Social

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

CEMEI: Creche Municipal de Educação Infantil

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, ao criticar o modelo individualista e remediatista do Psicólogo Escolar, visto que não supre as demandas do contexto educacional e social do nosso país, apresenta, discute e avalia uma proposta de intervenção preventiva para este profissional, por meio do projeto “Vôo da Águia”, que visa desenvolver, social e emocionalmente, a criança em seus diferentes contextos de desenvolvimento. Assim, a pesquisa está estruturada em quatro capítulos.

O capítulo I, referente à fundamentação teórica, está dividido em quatro eixos de discussões. O primeiro eixo considera alguns aspectos importantes sobre a história do Psicólogo Escolar no Brasil, trazendo informações sobre a formação e atuação deste profissional.

O segundo eixo traz alguns fundamentos teóricos a respeito do conceito de Saúde e Prevenção Primária, fazendo um elo com a intervenção preventiva do Psicólogo Escolar, além de evidenciar o papel da escola na promoção da saúde.

O terceiro eixo faz uma breve explanação sobre a importância de se utilizar a Abordagem Ecológica como referencial teórico para atuar de forma eficaz no contexto escolar, trazendo alguns conceitos básicos sobre esta abordagem.

O quarto eixo apresenta a história do projeto “Vôo da águia”, trazendo alguns dados marcantes e os seus objetivos principais. E, por último, dentro do capítulo de fundamentação teórica, são apresentados os objetivos gerais e específicos desta pesquisa.

O capítulo II, método, consiste uma introdução sobre a metodologia escolhida, seguida pela caracterização do cenário de pesquisa, no caso a escola, as fontes de informações e participantes, material de coleta de dados e o

procedimento empregado, juntamente com as questões éticas para a realização de pesquisa envolvendo seres humanos.

No capítulo III, são apresentados os resultados e a discussão. Neste momento, é explicado o procedimento utilizado para analisar os dados que foram coletados por meio da metodologia qualitativa.

No capítulo IV, são expostas as considerações finais. E, por último, são apresentadas as referências bibliográficas e os anexos utilizados.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O meu primeiro contato com uma instituição escolar ocorreu no meu segundo ano do curso de Psicologia, trabalhando como voluntária em uma creche localizada na periferia da cidade de São Luís. Em decorrência de minha busca incessante por conhecer mais sobre a Educação, tive, também, a experiência em trabalhar em uma instituição educacional particular que atendia educandos da pré-escola até o ensino médio. Esse momento foi extremamente enriquecedor, pois pude conhecer e participar da dinâmica e funcionamento de uma escola.

Durante a minha graduação, tive também a oportunidade de estagiar em outras áreas além da Escolar, como a Hospitalar, Clínica e Organizacional. Esta última foi de grande importância para o meu crescimento profissional. Pude, por uma visão organizacional, conhecer como ocorrem os processos administrativos de uma escola.

Ao concluir o curso de graduação em Psicologia, resolvi fazer uma especialização em Desenvolvimento do Potencial Humano, produzindo uma monografia a respeito das Competências do Psicólogo nas Organizações Escolares (Costa, 2003). Após uma breve revisão bibliográfica sobre este tema, constatei que a competência do psicólogo nas instituições privadas de educação estava mais relacionada à concretização das metas da escola, visando promover um serviço diferenciado neste mercado competitivo.

No entanto, não satisfeita com este resultado, senti a necessidade de realizar um projeto de pesquisa acadêmica que possibilitasse um maior aprofundamento sobre a formação e atuação deste profissional e o seu papel nas instituições educacionais e na sociedade.

A medida que amadurecia esta idéia no meu mestrado, por meio de leituras e discussões em grupos de estudo e sala de aula, observei que buscar a competência deste profissional pressupõe um trabalho mais preventivo, comprometido com as mudanças no contexto escolar, que promovam o bem-estar de todos os envolvidos no processo educativo.

Quando refletia sobre este assunto, alguns temores faziam-se presentes: como desenvolver na escola um projeto de intervenção preventivo que pudesse contribuir para o crescimento emocional e social não apenas do aluno em seus diferentes contextos, mas, também, de toda a equipe escolar? Esta questão fez-se presente em razão de ter tido uma formação mais voltada ao modelo de intervenção focado na remediação dos problemas existentes na escola, que é predominante na profissão do Psicólogo, dificultando, consideravelmente, minha visão preventiva de atuação.

Hoje compreendo que, para ampliar a minha visão e atuar sob uma perspectiva preventiva, devo primeiramente refletir e contextualizar o espaço onde pretendo realizar o meu trabalho. De acordo com Martín-Baró (1997), o papel do Psicólogo deve ser definido a partir da população com quem vai trabalhar.

Assim, faço parte de um povo maranhense que possui indicadores assustadores sobre as políticas sociais de assistência à saúde e à educação. O quadro de negligência com crianças e adolescentes pode ser evidenciado a partir da realidade observada nas cidades maranhenses.

Lima et al. (2004), ao analisar as políticas sociais na área da criança e adolescente a partir de dados do IBGE, constatou que são poucos os direitos assegurados aos cidadãos maranhenses. No que se refere à renda, 71,7% das

crianças vivem em famílias que possuem renda per capita mensal de até meio salário mínimo.

Dados referentes ao ano de 1999 sobre a Educação demonstram que a distorção da idade do aluno em relação à série na qual está matriculado é de 65,3%, o que pode ocasionar a desmotivação e, conseqüentemente, a evasão escolar. Isso, na verdade, é uma forma de denunciar o analfabetismo, em que a média de escolaridade da população é de apenas 2,8 anos de estudo, e que 33,12% da população ainda é analfabeta (Lima et al., 2004).

Segundo uma pesquisa publicada na *Folha de S. Paulo*, em 1996, 81,96% da população maranhense é considerada clandestina, não possui certidão de nascimento, o que me faz refletir sobre os seus direitos às Políticas Sociais Básicas como educação, saúde, habitação, lazer, cultura, entre outros, que estão sendo negados a esta população (Gentili, 1998).

É importante ressaltar, que apesar de trazer dados do Maranhão, Estado onde pretendo atuar, a presente pesquisa será desenvolvida em Campinas que também é marcada pela exclusão social. Assim, acredito que desenvolver o meu projeto em Campinas irá contribuir significativamente na minha ação em São Luís. Principalmente pelo fato de ter percebido que a maioria da população excluída precisa de profissionais críticos que os levem a refletir sobre as suas reais condições de vida e reivindicarem os seus direitos como cidadãos.

Como apresentado anteriormente, é preciso contextualizar o espaço onde estamos inseridos e, por isso, faz-se necessário caracterizar o modelo de escola que predomina em nossa sociedade, visto que é neste espaço físico que foi desenvolvido a minha pesquisa.

A escola, como um espaço de desenvolvimento e libertação que reconhece o sujeito como construtor de sua história, parece distante de nossa realidade. A visão de preparar os alunos para o mercado competitivo afasta a idéia de uma educação humanitária, capaz de socializar valores de justiça, respeito e solidariedade.

De acordo com Guzzo (2003b), a Educação marcada pela domesticação e pelo domínio mercadológico, destrói a possibilidade de construção de sujeitos autônomos e conscientes de seu papel social.

Com base nessas considerações, volto a enfatizar a importância de o Psicólogo Escolar agir neste ambiente, procurando meios de romper com este quadro que prioriza o desenvolvimento da aprendizagem em detrimento do desenvolvimento do indivíduo. Esse modelo de escola, instituído por não reconhecer o sujeito como construtor do seu espaço, torna-se uma instituição opressora, que prioriza a reprodução e não a construção.

Portanto, frente à necessidade de o Psicólogo Escolar implantar um projeto de intervenção preventiva na escola, que busque o crescimento emocional e social das crianças em seus diferentes contextos, a presente pesquisa visa conhecer, discutir e avaliar uma proposta de intervenção preventiva, “Vôo da Águia”¹, e conhecer a visão dos educadores sobre o profissional de Psicologia. Além disso, a pesquisa também busca identificar a rotina do Psicólogo Escolar que atua sob uma perspectiva preventiva nos contextos educacionais.

¹ Projeto Vôo da Águia - programa preventivo em contextos educativos voltados a crianças em idade escolar (Guzzo, 2000/2005).

I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Formação e Atuação do Psicólogo Escolar no Brasil

Promover uma leitura conscientizadora sobre a ação do Psicólogo Escolar em nossa sociedade exige uma breve retrospectiva sobre o caminhar deste profissional em nosso país, pois, segundo Martín–Baró (1998), baseado nas idéias de Paulo Freire, o indivíduo, ao recuperar sua história, possuirá base para determinar, de forma autônoma, o seu futuro, levando a um novo saber sobre si mesmo e sobre sua identidade profissional. Assim, faz-se necessário destacar alguns dados marcantes, ainda que breves, sobre a formação e atuação do Psicólogo Escolar no nosso país.

A formação do Psicólogo no Brasil ocorreu na década de 50, sendo que, só a partir da Lei Federal nº 4119, de 27 de agosto de 1962, é legalizado o diploma do curso de formação de Psicólogos, seguido por ato do Conselho Federal de Educação que, por meio do Parecer nº 403 de 1962, fixou o currículo mínimo e a duração mínima de quatro anos para o curso de Psicologia, regulamentando a profissão (Mancebo, 1997).

Apesar desta grande conquista, Maluf (2003) evidencia em sua pesquisa que os cursos de graduação em Psicologia, a partir da década de 70, multiplicam-se de forma desordenada e desprovida de qualquer tipo de controle para a criação de novos cursos.

Conforme o banco de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP (2005), o país oferece, atualmente, 482 cursos de graduação em Psicologia, com habilitação adicional de bacharelado e/ou licenciatura, distribuídos por instituições de caráter público e privado. Geralmente, estes cursos possuem uma proposta de um núcleo comum de cinco anos, tendo como

característica marcante a formação generalista, que objetiva o exercício profissional em qualquer área de atuação.

Assim, os estudantes de Psicologia, ao concluírem a graduação, recebem um diploma que os habilita a trabalhar em qualquer área da Psicologia, isto é, podem atuar na clínica, nas organizações, na escola ou onde forem solicitados (Correia e Campos, 2004).

Apesar dessa formação generalista, o Conselho Federal de Psicologia - CFP (2000), por meio da Resolução 14/00, instituiu o título profissional de especialista em Psicologia. As especialidades a serem concedidas são as seguintes: Psicologia Escolar/Educacional, Psicologia Organizacional e do Trabalho, Psicologia do Trânsito, Psicologia Jurídica, Psicologia do Esporte, Psicologia Hospitalar, Psicologia Clínica, Psicopedagogia e Psicomotricidade.

De acordo com Carvalho (2004), apesar de ser recente esta regulamentação de especialistas em Psicologia, o autor considera necessário haver uma avaliação preliminar do seu impacto na prática do Psicólogo, com o objetivo de analisar como foi recebida esta resolução pelos profissionais e pelo mercado de trabalho.

Contudo, embora já exista um título de especialista em Psicologia Escolar/Educacional, que necessita ser mais discutido e estudado, é importante considerar que a trajetória histórica da implantação da Psicologia Escolar no currículo de formação de Psicologia no Brasil iniciou-se na década de 60, e, a partir de seu desenvolvimento, foram acontecendo alguns marcos decisivos, como o Primeiro Congresso Nacional de Psicologia Escolar em 1991, a criação da Associação Brasileira de Psicologia e Educacional (ABRAPEE), em 1991, e a

realização do XVII Congresso Internacional de Psicologia Escolar, em 1994, na PUC-Campinas (Pfromm Neto, 1996).

No entanto, apesar desse significativo desenvolvimento no campo da Psicologia Escolar, Almeida (2003) informa que a formação deste profissional continua se desenvolvendo de forma inadequada e não priorizada na grade curricular, ocasionando várias críticas por parte dos pesquisadores da área.

A discrepância entre a teoria e a prática na formação do Psicólogo Escolar é uma das preocupações compartilhadas por diversos autores como Novaes (1992), Guzzo (1996), Gomes (2002) e Almeida (2003). De acordo com estes autores, a divergência entre o conhecimento aprendido na academia e a realidade de trabalho compromete a concretização de um exercício profissional eficiente, pois não responde à realidade educacional brasileira.

Outro fator que dificulta a consolidação de uma formação mais preparada são os *estágios (superficiais)* oferecidos nos cursos de graduação. Estes estágios supervisionados, geralmente, não levam os estagiários a refletir a partir de sua prática no contexto educacional, além de não serem acompanhados sistematicamente por supervisores (Novaes, 1992,1996; Witter, 1992; Guzzo, 1996, 2002b).

A superficialidade dos estágios dificulta a *construção de um modelo de atuação* condizente com a realidade. De acordo com Guzzo (1996), o modelo de atuação deve partir da caracterização das instituições educacionais, seus problemas e suas fontes de recursos. O Psicólogo deve buscar, constantemente, informação sobre a realidade para atuar nos setores em que a instituição educacional mais necessita.

Diante dessas dificuldades, algumas propostas são discutidas para melhorar a formação, como: *construção de um currículo próximo à realidade* (Guzzo, 1996, 2003b; Gomes, 2002), *estágios bem supervisionados e inseridos no campo educacional* (Witter, 1992; Gonçalves, 2000) e o *desenvolvimento de pesquisa e/ou projetos que respondam aos interesses dos diferentes segmentos sociais* (Gonçalves, 1994).

Fazendo uma análise das informações, pode-se constatar que a formação do Psicólogo Escolar possui vários pontos críticos, e que certamente irão influenciar na atuação deste profissional de forma mais eficaz, participativa e responsável nos contextos educacionais.

Cruces (2003) afirma em sua pesquisa que a partir da década de 70 e início de 80, vários estudos foram realizados sobre a atuação do Psicólogo na área escolar, fazendo-se severas críticas à atuação reducionista, remediativa e individualista deste profissional no contexto educacional.

Os trabalhos de Novaes (1996), Gomes (2002), Torezan (1999), Del Prette (1999) e Almeida (2002) refletem sobre a importância de a Psicologia Escolar transferir o foco de interesse individualista e limitado para uma proposta de trabalho coletivo. Todos esses trabalhos, em geral, fazem um alerta para o Psicólogo Escolar considerar o contexto social que está influenciando no desenvolvimento do educando, exigindo a superação deste modelo clínico presente, na maioria das vezes, em sua atuação.

A partir da revisão desta literatura, observa-se um aumento de produções científicas que criticam e questionam a atuação do Psicólogo Escolar, mas raramente estes trabalhos saem do âmbito acadêmico e adentram no contexto

educacional, pois são produções teóricas que muitas vezes não fornecem subsídios para a prática profissional. Por isso, geralmente, a prática da Psicologia na escola continua centrada nas dificuldades apresentadas pelos alunos (Gomes, 2002).

Benzi (1996), em sua dissertação de mestrado, afirmou que, apesar de a Psicologia Escolar evoluir e buscar novas formas de atuação, não houve o abandono de modelos e atividades antigas, mesmo incorporando novas práticas. A autora, a partir de sua revisão bibliográfica, constatou três modelos distintos de atuação do Psicólogo Escolar. São eles:

- Modelo Clínico: o Psicólogo adota uma postura remediativa e focada no aluno;
- Modelo Solucionador de Problemas: o Psicólogo possui uma intervenção remediativa, mas com o foco no professor, nos pais ou na instituição, não mais no aluno;
- Modelo de Agente Preventivo: o Psicólogo assume uma atuação preocupada em favorecer condições de desenvolvimento do escolar, por meio de trabalhos com pais, diretores, professores e orientadores.

A perspectiva preventiva na atuação do Psicólogo Escolar foi tema de pesquisa desenvolvida por Marinho-Araújo e Almeida (2005) que apontam algumas contribuições relevantes. De acordo com as autoras, uma atuação institucional preventiva é baseada em quatro dimensões principais, a seguir:

- Mapeamento institucional: corresponde a uma investigação e análise da instituição escolar que servirá como subsídio para compreender o contexto de intervenção, isto é, por meio deste mapeamento conhecer o objeto de atuação;
- Espaço de escuta psicológica: esta dimensão possibilita trabalhar as relações interpessoais na escola por meio da escuta clínica das “vozes institucionais”, que advêm do aluno, do docente, da direção, da equipe técnica e da família. Essa escuta servirá para entender, analisar e intervir no contexto escolar;
- Assessoria ao trabalho coletivo: nesta dimensão, o Psicólogo promove e participa ativamente dos trabalhos coletivos realizados na escola junto com os docentes, direção e equipe técnica, visando o desenvolvimento e a qualificação de competências específicas para o desempenho profissional da equipe escolar;
- Acompanhamento ao processo de ensino-aprendizagem: este acompanhamento se dá por meio da análise e intervenção na relação professor-aluno, fazendo uma observação sistemática da dinâmica de sala de aula e nos demais contextos sócio-educativos.

Observa-se que há uma urgência em mostrar aos Psicólogos Escolares modelos de intervenção condizentes com a realidade brasileira. Isso é importante, pois a crítica ao modelo vigente foi lançada, tornando-se necessário mostrar soluções e novas propostas de intervenção por meio de projetos que, efetivamente, venham a transformar o contexto escolar.

Guzzo (2003a) sugere que, para a ação profissional impactar o sistema educacional, torna-se necessário um modelo de intervenção que seja direcionado para a prevenção de problemas sócio - emocionais, para a promoção da saúde psicológica e para uma reestruturação do currículo acadêmico.

Com relação a necessidade da reestruturação do currículo acadêmico, Guzzo (2003b) considera que o currículo de formação do Psicólogo deve ser construído a partir de quatro eixos fundamentais: “aprender a pensar e compreender o mundo pela história e pela matriz do pensamento científico; aprender a explorar o conhecimento exercitando na prática a discussão das contradições; aprender a tomar decisões e a avaliar as conseqüências; e, por fim, exercer, avaliar e construir políticas públicas e sociais com a psicologia” (p. 177). Segundo esta autora, essas diretrizes propiciam aos futuros profissionais conhecer a realidade como ela é, dando subsídios para se tornarem agentes transformadores e questionadores.

Nesse sentido, os trabalhos de Martín-Baró (1997) trazem uma grande contribuição para essa reflexão. Este autor evidencia que, no contexto latino-americano, o Psicólogo deve se preocupar em buscar uma atuação de acordo com as especificidades sociais e culturais desta sociedade, ao invés de buscar definições genéricas procedentes de outros lugares, que são distantes e inadequadas à nossa realidade.

Diante disso, pode-se concluir que, à medida em que o Psicólogo Escolar vai conhecendo o contexto que pretende desenvolver a sua atividade, sua ação se torna mais contextualizada, pois a partir de sua prática ele construirá teorias e/ou utilizará de concepções teóricas que dêem subsídios para a sua atuação.

2. Saúde e Prevenção: fundamentos básicos para um novo modelo de atuação do Psicólogo Escolar

O objetivo deste capítulo é apresentar, brevemente, algumas reflexões sobre o conceito de saúde e prevenção, com o intuito de oferecer contribuições à prática do Psicólogo Escolar, além de evidenciar o papel da escola como uma instituição social fundamental para a promoção da saúde².

O conceito de saúde era entendido, inicialmente, sob uma ótica individual e remediadora, isto é, como a ausência de enfermidades e sintomas. No entanto a saúde, nesta pesquisa, será discutida sob uma perspectiva social com base nas idéias de González Rey (2004). Para ele, a saúde não é a ausência de enfermidades e sintomas, mas um processo qualitativo complexo que engloba o somático (corpo) e o mental (psíquico), formando uma unidade interdependente, em que um afeta o outro. Ainda, segundo este autor, a saúde deve ser definida com base em quatro aspectos essenciais. São eles:

- A saúde não deve ser entendida sob uma perspectiva de normalidade, visto que é um processo único que não se repete e que apresenta manifestações próprias em cada indivíduo;
- A saúde não é um estado estático, mas um processo em constante desenvolvimento, em que o indivíduo participa ativamente;
- A saúde está estreitamente ligada a fatores genéticos, congênitos, somato-funcional, sociais e psicológicos, revelando seu caráter

² Promoção de saúde são todas as ações que buscam o desenvolvimento e fortalecimento da saúde mais do que evitar doenças (Gonzalez Rey, 1997).

plurideterminado em que seu curso não se decide pela participação ativa do homem de forma unilateral;

- A saúde não deve ser entendida sob uma perspectiva de ausência de sintomas, mas sim como um funcionamento integral que potencialize os recursos do indivíduo para diminuir sua vulnerabilidade aos agentes causadores da doença.

Martinez (1996), comentando sobre este conceito de saúde, que não está relacionado, exclusivamente, às condições biológicas, mas, também, às condições subjetivas e sócio-históricas do homem, afirma que esta concepção não se tornou apenas abrangente, mas, sobretudo, diferente. Nesta visão, a saúde está vinculada ao desenvolvimento de um conjunto de recursos subjetivos que permitam ao sujeito estabelecer uma inter-relação adequada com a situação social em que vive e com as contradições e conflitos que cotidianamente enfrenta.

Diante dessa perspectiva social de saúde, González Rey (1997; 2004) afirma que a saúde não se desenvolve apenas em instituições de saúde, mas em todas as instituições comprometidas com o desenvolvimento social, como a família, a escola e o local de trabalho. A promoção da saúde dar-se-á por meio do completo funcionamento da sociedade, em que as instituições sociais devem favorecer a construção de um espaço de bem-estar.

A preocupação em desenvolver um ambiente saudável, ao invés de buscar a cura da doença, intensificou o aparecimento de ações preventivas em ambientes como escola, família e comunidade. Estas intervenções geralmente são construídas e desenvolvidas com base nos conceitos de prevenção primária.

É importante considerar que o conceito de prevenção primária, assim como o de saúde, também foi entendido sob uma perspectiva reducionista. De acordo com uma pesquisa desenvolvida por Lacerda Jr. e Guzzo (2005), ao apresentarem um histórico sobre a prevenção primária, constatou-se, de forma geral, que, apesar de a prevenção primária surgir na área da saúde mental diante da insatisfação com os modelos individualista e remediatista utilizados neste campo, ela era percebida, muita das vezes, como mera evitação de doenças.

Guzzo (2000b), em sua revisão bibliográfica sobre o conceito de prevenção primária, elucida que, embora exista uma dificuldade em se chegar ao consenso do que seja a prevenção primária, alguns pontos podem ser anunciados como características de programas de prevenção, tais como:

- Uma intervenção direcionada a grupos, e não a indivíduos;
- Busca impedir no aparecimento do problema por meio da identificação de fatores que venham a prejudicar no desenvolvimento emocional e psicológico dos indivíduos;
- A população alvo deste programa, geralmente, são as crianças e adolescentes.

Diante dessas características, percebe-se a necessidade de planejar atividades e estratégias de intervenção preventiva que saem do âmbito individual e adentrem nos espaços coletivos. Segundo Lacerda Jr. e Guzzo (2005), deve-se trabalhar sob um enfoque preventivo, por meio de intervenções nos microsistemas, grupos sociais, instituições sociais, entre outros, com o intuito de transformar a realidade de forma significativa.

Dentro dessa perspectiva de que se devem traçar planos de intervenções que alcancem os grupos e não só a indivíduos, as instituições sociais são colocadas em um lugar privilegiado para a implantação de estratégias que efetivamente promovam a prevenção primária e, conseqüentemente, a saúde nos indivíduos. Assim, fica constatada a importância da escola nesse papel de promoção da saúde.

O Ministério da Saúde (2002), ao discutir sobre a promoção da saúde no contexto escolar, afirma que “a escola, além de ter uma função pedagógica específica, tem uma função social e política voltada para a transformação da sociedade, relacionada ao exercício da cidadania e ao acesso às oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem, razões que justificam ações voltadas para a comunidade escolar para dar concretude às proposições de promoção de saúde” (p. 533).

Guzzo (2003a), em seu trabalho sobre saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola, afirma que sair do foco da doença (tratamento) para o da saúde (prevenção), pressupõe mudanças nas estruturas educacionais e sociais, para poder promover situações positivas que ocasionem a saúde e o bem-estar das crianças.

Gonzalez Rey (1997) discute sobre o papel da escola na prevenção e promoção da saúde. Para este autor, a escola coopera para a prevenção e promoção da saúde a partir do momento em que ela possibilita a existência de um diálogo, excluindo sentimentos de medo, insegurança e ansiedade, e não apenas ensinando um conjunto de conhecimentos e hábitos para prevenir a doença.

Promover a saúde é, antes de tudo, possibilitar ao sujeito assumir o seu caráter ativo com o desenvolvimento do bem-estar.

Freire (1992) reflete sobre a importância de a escola desenvolver sujeitos críticos e conscientes do seu papel ativo. Em uma de suas obras – *Pedagogia da esperança*, este autor traz uma reflexão sobre a educação, ao considerar que esta deve se comprometer com o conhecimento não só de conteúdos, mas com a razão de ser dos fatos econômicos, sociais, políticos, ideológicos e históricos. A escola deve fazer o educando problematizar a sua relação com o mundo por meio do diálogo, estabelecendo uma forma autêntica de pensar e atuar, exercendo um papel ativo.

Em suma, pode-se dizer que a escola promove a saúde a partir do momento em que ela possibilita não apenas ao aluno, mas a toda a equipe escolar expressar seus sentimentos, ser autônoma e questionadora. Não se tornando a escola, assim, um ambiente repressor, que visa o ajustamento e a adaptação.

No entanto as escolas ainda buscam ajustar os alunos às regras deste ambiente. Nesse contexto, os alunos que questionam ou não estão dentro do referencial de “boa conduta”, são rotulados como problemáticos e necessitados de uma intervenção especial. Por isso, Marinho-Araújo e Almeida (2005), ressaltam que adotar uma intervenção de caráter preventivo é, sobretudo, superar a visão de que prevenir é “ajustar” e “adequar” situações e comportamentos que se encontram fora dos padrões gerais aceitos, a fim de evitar problemas.

3. Inserção da Abordagem Ecológica na Atuação do Psicólogo Escolar

Atualmente, observa-se que é impossível olhar para o desenvolvimento humano sem considerar o contexto em que o indivíduo encontra-se inserido. Assim, este capítulo visa apresentar uma abordagem teórico-metodológica que discute a relação do desenvolvimento humano com o contexto, conhecida como Abordagem Ecológica do Desenvolvimento, que foi criada por Urie Bronfenbrenner.

Este pesquisador nasceu no dia 29 de abril de 1917, em Moscou, e foi morar nos Estados Unidos quando era criança. Bronfenbrenner foi criado dentro do judaísmo, o que possibilitou a sua convivência em uma ambiente multicultural, relacionando-se com vários grupos étnicos e culturais (Alves, 1997).

A Abordagem Ecológica desenvolvida por Bronfenbrenner trouxe uma nova visão na compreensão da influência do ambiente no desenvolvimento humano, e as suas idéias iniciais encontram-se no livro intitulado *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*, traduzido e publicado em 1996 no Brasil, sendo que a sua primeira edição foi em 1979.

De acordo com Bronfenbrenner (1979/1996), o desenvolvimento é um conjunto de processos através dos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem para produzir constância e mudança nas características da pessoa no curso de sua vida. Para este autor, a promoção do desenvolvimento ocorre por meio de quatro dimensões interligadas – a *Pessoa*, o *Processo*, o *Contexto* e o *Tempo* – mais conhecido como PPCT.

A Pessoa é o indivíduo em si, com as características biológicas, físicas e psicológicas, em interação com o ambiente, em que este conjunto de

características deve ser considerado quando se busca entender o desenvolvimento do indivíduo.

Compreende-se por Processo a forma como uma pessoa interpreta as suas experiências com o ambiente. Esta dimensão se revela fundamental para o entendimento do papel da interação – indivíduo e ambiente – no desenvolvimento.

O Contexto é a interação de quatro níveis ambientais ecológicos em que a pessoa está inserida e se desenvolve. Esta dimensão é dividida em microsistema, mesossistema, exossistema e macrossistema, que serão definidos em um outro momento.

E, por último, o Tempo que corresponde ao momento social e histórico da sociedade ou da pessoa. Esta dimensão deflagra a importância de considerar as transformações biológicas e sociais que ocorrem com o indivíduo durante o seu processo de desenvolvimento.

Esta visão bioecológica provocou uma mudança significativa no estudo do desenvolvimento, pois transferiu a concepção individualista utilizada para entender o desenvolvimento humano, para uma visão contextualizada e interacionista.

A dimensão *Contexto* tornou-se essencial para compreender o desenvolvimento, pois é dentro deste que ocorrem os *Processos* por meio da interação entre os quatro níveis ecológicos conhecidos, como Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema (Narvaz e Koller, 2004).

Bronfenbrenner (1979/1996) conceitua estes quatro níveis ecológicos da seguinte forma:

- O Microsistema são aqueles ambientes que interagem diretamente com a pessoa. Portanto é o que mais afeta o desenvolvimento do indivíduo.
- O Messosistema refere-se à interação de dois ou mais ambientes do Microsistema em que a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. O messosistema é entendido como um conjunto de microsistemas.
- O Exossistema são aqueles ambientes que não contêm a pessoa em desenvolvimento exercendo um papel ativo, mas que a influenciam ou que possuem um poder decisório em sua vida.
- O Macrossistema engloba todos os sistemas, envolvendo valores, culturas, religiões, políticas, educação entre outros aspectos ideológicos de uma sociedade.

Com base nas definições apresentadas sobre cada nível ecológico, observa-se que o indivíduo constitui-se em diferentes sistemas sociais. Assim, o desenvolvimento do indivíduo deve ser analisado e entendido por meio das suas relações com o contexto, tornando-se inviável olhar o desenvolvimento sem observar os processos de interação estabelecidos entre a pessoa e os ambientes que frequenta.

Bronfenbrenner (1979/1996) considera este processo de interação fundamental para se compreender o desenvolvimento. Para este autor, quando duas pessoas estabelecem uma relação, elas formam uma Díade que atinge diretamente o desenvolvimento das pessoas envolvidas. Dessa forma, torna

importante conhecer o processo de construção desta díade e o seu impacto no curso de vida do indivíduo.

Por isso, De Antoni e Koller (2001) afirmam que a pessoa deve ser compreendida “em sua totalidade, com seus sentimentos, história de vida, experiências, interpretações de suas interações, crenças e como organismo físico em desenvolvimento” (p.19).

Para Bronfenbrenner (1979/1996), a pessoa em desenvolvimento não é um ser passivo, mas dinâmico, que, gradativamente, infiltra-se no meio em que vive e o reorganiza. E esta interação se dá de forma recíproca, em que ambos sofrem influência. Para este pesquisador, a posição da pessoa no contexto é alterada em resultado de uma mudança de papel e ambiente, ou ambos, denominada como Transição Ecológica. Isso revela o caráter dinâmico, e não estático da pessoa em desenvolvimento inserida no ambiente ecológico.

De acordo com De Antoni e Koller (2001), o referencial teórico da abordagem ecológica permite compreender o todo de forma dinâmica, sistêmica e contextual. Esta perspectiva ecológica acredita, pois, na existência de diversos ambientes interdependentes que compõem a vida da pessoa, não se restringindo somente a um ambiente único, imediato, possibilitando uma visão mais ampliada e sistêmica do ser humano (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Esta concepção ecológica do desenvolvimento contribui, significativamente, para a mudança de compreensão do psicólogo e da escola sobre o educando no contexto escolar. De acordo com Guzzo (2003a), esta posição ecológica percebe que a criança constitui-se em diferentes sistemas sociais, e que problemas ou distúrbios de aprendizagem ou comportamentos podem ser considerados, entre

outros fatores, como a falta de equilíbrio nestes sistemas onde a criança vive, e não um problema a ela inerente.

Assim, intervir sob esta perspectiva ecológica é considerar os contextos de desenvolvimento do educando, como: as relações familiares (microsistema), as relações estabelecidas entre a família, escola e comunidade (messosistema), as relações de trabalho exercidas pelos pais e dentro da escola (exossistema), além de levar em consideração as políticas sociais e educacionais que permeiam a realidade desta criança (macrossistema).

Segundo De Antoni e Koller (2001), para intervir e traçar planos de intervenção é necessário compreender que a pessoa desenvolve-se interagindo com o ambiente imediato no qual está inserida e com os outros ambientes aos quais pertence. Esta visão possibilita ao profissional ter maior clareza sobre o seu papel no contexto do indivíduo.

É importante considerar que a Teoria Ecológica focaliza uma perspectiva interacionista do indivíduo com o ambiente, propõe-se a estudar a influência do ambiente no desenvolvimento do indivíduo, sem desconsiderar o papel ativo e dinâmico da pessoa nesta relação. Esta abordagem transferiu a concepção individualista do desenvolvimento para uma concepção mais contextualizada.

Em termos gerais, pensando na atuação do Psicólogo Escolar, percebe-se que, para acompanhar o desenvolvimento do educando na escola, faz-se necessário conhecer os contextos em que esta criança está inserida e compreender as mútuas relações estabelecidas nesses contextos, com o intuito de promover condições favoráveis para o seu desenvolvimento saudável. Com

isso, deve-se romper com este modelo tradicional de intervenção clínica e individualista que atribui problemas escolares exclusivamente ao aluno.

Por fim, cabe dizer que a teoria ecológica do desenvolvimento ainda está em processo de construção, pois continua sendo aprimorada por diversos pesquisadores, ocasionando inúmeras publicações na área.

4. Projeto o “Vôo da Águia”

Este capítulo visa apresentar a criação e o desenvolvimento do projeto de intervenção “Vôo da Águia” presente em uma comunidade educativa de Educação Infantil. Esta proposta de intervenção insere-se em um projeto maior conhecido como “Do Risco à Proteção: busca de indicadores para uma intervenção preventiva”, desenvolvida pelo Laboratório de Avaliação e Medidas em Psicologia (LAMP) da PUC-Campinas, coordenado pela Prof^a.Dr^a. Raquel Souza Lobo Guzzo, que tanto contribuiu para o desenvolvimento da psicologia escolar no Brasil.

O projeto “Do Risco à Proteção” foi criado em 2000, em resposta à necessidade de mudança na formação e intervenção do psicólogo que, geralmente, utiliza o modelo médico e assistencialista sem considerar o contexto social, político e econômico. Assim, este projeto tem como meta principal fornecer subsídios para a ação do Psicólogo junto a comunidades marcadas pela violência e opressão, trabalhando com a família, a escola e a comunidade (Guzzo, 2000a).

Este projeto é composto por uma equipe multiprofissional, que inclui psicólogos e pedagogos, estudantes de pós-graduação e graduação em psicologia. Esta constituição traz contribuições para a formação em nível de graduação e pós-graduação de profissionais que atuam na área da Psicologia e da educação, pois possibilita interligar os três segmentos - base: *ensino, pesquisa e extensão*.

Em relação ao ensino, é formado por um grupo de estudo que busca a reflexão de sua prática por meio de quatro eixos de discussão: Psicologia, políticas sociais e proteção à criança e ao adolescente; Intervenção comunitária e

educativa do psicólogo; História e constituição da personalidade e do sujeito; e, por fim, a Metodologia de pesquisa.

No que se refere à *pesquisa*, o projeto tem o objetivo de auxiliar toda a ação dos profissionais e dos estudantes de Psicologia dentro do campo, em razão de promover o desenvolvimento de um conjunto de conhecimentos advindos da prática para subsidiar a atuação do Psicólogo e contribuir em sua formação.

Quanto à *extensão*, o projeto é constituído por cinco programas de intervenção que visam atingir as instituições sociais escola, família e comunidade, possibilitando uma visão longitudinal do indivíduo. São eles:

1. *“Vivendo valores – consciência, identidade e atividade”*. Esta proposta tem como foco de intervenção as crianças e adolescentes que vivem em comunidades marcadas pela violência, com o intuito de desenvolver a consciência crítica, identificação e expressão de sentimentos;
2. *“Consultoria à prefeitura – capacitação de técnicos e coordenadores da secretaria da assistência social”*. O objetivo deste projeto é favorecer o crescimento pessoal e coletivo em atividades de trabalho de campo, trabalhando com os seguintes profissionais: psicólogos, assistentes sociais, técnicos e coordenadores do Centro Regional de Assistência Social (CRAS) da cidade de Campinas;
3. *“Consultoria à prefeitura municipal – capacitação de professores de escolas fundamentais e de educação infantil”*. Este projeto busca refletir com os educadores a prática emancipatória nas relações educacionais e tem como público - alvo os professores de educação infantil e do ensino fundamental I e II;

4. *“Fórum de Pais”*. Este projeto tem como objetivo conhecer o contexto de vida das crianças na visão de seus pais, integrar família e escola na construção de um projeto pedagógico democrático e emancipador, identificar e construir redes de apoio social e afetivo para a comunidade em que a criança está inserida e promover espaços de discussão com os pais sobre suas experiências de vida.
5. *“Vôo da Águia – prevenindo problemas sócio - emocionais e promovendo saúde”*. O objetivo desta proposta é promover o desenvolvimento emocional e social de crianças por meio da intervenção preventiva, discutindo processos educativos em diferentes contextos e situações do cotidiano com famílias e professores, e acompanhar crianças em seus microssistemas de desenvolvimento.

Dentre estes cinco programas de intervenção apresentados, o presente capítulo descreve o projeto “Vôo da Águia”. Esta proposta tem as suas raízes no *Children’s Institute de Rochester NY*, onde a coordenadora conheceu este tipo de proposta e o adaptou à realidade brasileira. Inicia-se, então, a adequação dos instrumentos para intervenção no Brasil pelo LAMP (Giannetti, Tizzei, Guzzo, 2004).

De acordo com Guzzo (2002a), os instrumentos serviriam para conhecer em maior profundidade o contexto em que se pretende desenvolver um plano de intervenção preventiva. Estas escalas, adaptadas e utilizadas por esta proposta, dividem-se em quatro instrumentos:

- Instrumentos de triagem: são utilizados com os professores, com os pais e com as crianças;

- Instrumentos da personalidade: escalas utilizadas para conhecer ansiedade, controle, segurança, empatia, auto-estima e temperamento;
- Avaliação do desenvolvimento infantil: utilizava-se o *Parent's Appraisal of Child Early Developmente* (PACED), para conhecer a visão dos pais sobre o desenvolvimento, e o *Child Observation Record* (COR) para conhecer a visão dos educadores sobre o desenvolvimento. E o Mapa dos cinco campos, adaptado por Poletto e Koller (2002), que visa conhecer os sistemas de relações do indivíduo com a família, parentes, escola, vizinhos/amigos e contato formais;
- Avaliação das condições educacionais: utiliza-se a escala (ECFRS), que visa conhecer as condições de ofertas de Instituição de Educação Infantil.

A implantação desta proposta ocorreu, primeiramente, de 2000 a 2001, em três instituições de Educação Infantil: duas Organizações não Governamentais (ONG's) – Sul e Leste – e uma municipal – na região Sul da cidade de Campinas.

Em 2002, continua nas duas regiões, sendo que, em 2003, o projeto sai das duas ONG's e só atende a instituições municipais de educação municipal, visto que o sistema público de ensino constitui-se, prioritariamente, um local de ação deste projeto de intervenção.

Atualmente, desde 2004, este projeto está inserido em uma instituição municipal de educação infantil que atende crianças de três meses a seis anos e uma escola de ensino fundamental I e II.

É importante considerar que este projeto tem uma proposta de atuar nas escolas por apenas quatro anos, não tem o objetivo de substituir o Psicólogo na escola, mas provocar uma discussão política que leve a inserção desse profissional na rede de ensino público.

Giannetti, Tizzei & Guzzo (2004) consideram como objetivos específicos, para o projeto “Vôo da Águia”, os seguintes:

- Conhecer o ambiente em que a criança está inserida (escola, família e comunidade) e promover uma melhor integração entre eles;
- Acompanhar a criança ao longo de seu desenvolvimento por meio do estabelecimento do vínculo afetivo;
- Possibilitar que as crianças desenvolvam suas potencialidades, sendo capaz de estabelecer vínculos e expressar seus sentimentos;
- Identificar a presença de indicadores de risco e procurar trabalhar com estes por meio das redes de apoio.

Para alcançar estes objetivos, os profissionais de psicologia e os estagiários de psicologia, inseridos no projeto “Vôo da Águia”, são orientados a intervir com as crianças, a família e a escola da seguinte forma:

- Com as crianças: buscar a construção do vínculo, visando estabelecer uma relação mais estreita, facilitando no acompanhamento emocional e social;

- Com a família: buscar conhecer o contexto de vida das crianças por meio de entrevistas, integrar a família e a escola e promover espaços de discussão com os pais sobre as suas experiências de vida por meio do Fórum de pais;
- Com a escola: buscar um trabalho integrado com a equipe pedagógica para desenvolver um ambiente escolar favorável a um desenvolvimento infantil saudável, participando junto com os educadores no Trabalho Docente (TD's), na Formação Continuada, discutindo temas como educação, cuidados, afeto e desenvolvimento infantil. Além disso, tenta-se estabelecer uma integração nas redes de apoio – Escola, Conselho Tutelar, Coordenadoria Regional da Assistência Social e Posto de Saúde – que assistem as crianças e adolescentes.

A inserção desta proposta nas instituições educacionais tem gerado a publicação de algumas dissertações, que servem de subsídios para uma intervenção do psicólogo em contextos educativos, mais próxima de nossa realidade.

Gayotto (2001), em sua dissertação de mestrado, traz grandes contribuições ao revelar a percepção que professores têm a respeito dos Direitos da criança. A autora encontrou em seus resultados que o professor resiste a questão dos direitos, não favorecendo no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Considera em sua conclusão que Psicólogo Escolar deve promover a cidadania de educadores e educandos.

Com relação a visão dos pais a respeito do desenvolvimento de seus filhos, a aplicação do PACED em algumas escolas públicas da cidade de Campinas, ocasionou a publicação de três dissertações: *Funcionamento Social, Emocional e de Comportamento*, realizado por Tizzei (2004); *Experiências de Vida*, feito por Machado (2004); e *Comentários dos pais sobre sua criança, família ou sobre eles*, analisado por Marques (2004).

Tizzei (2004) considera, em uma de suas conclusões, que as crianças que vivem em situações adversas não necessariamente serão afetadas de forma negativa, e que a família e a escola representam importantes contextos para o desenvolvimento da criança, seja de forma positiva ou negativa.

Machado (2004), analisando a dimensão experiências de vida, verificou a predominância de fatores de proteção (69,4%) em relação aos de risco (26,4%). Isso fez a autora refletir sobre a distinção entre miséria econômica e miséria afetiva, alertando para a necessidade de abandonar a interpretação causal e linear do desenvolvimento e considerar a questão da resiliência.

Marques (2004) constatou, por meio das análises das respostas emitidas na questão aberta deste instrumento, o predomínio de condições adversas e de risco em relação às famílias. No entanto, apesar deste resultado, conclui, em sua pesquisa, que não há uma única direção para o desenvolvimento saudável e para a saúde psicológica, rompendo com o conceito de causalidade.

Com relação ao trabalho integrado entre a escola e as redes de apoio, pode-se citar a dissertação de Weber (2005) intitulada *Violência doméstica e rede de proteção: dificuldades, responsabilidades e compromissos*. Esta pesquisa teve como objetivo conhecer como a escola e o Conselho Tutelar se relacionam no

caso da Violência Doméstica, além de compreender como estas duas instituições trabalham com os casos de Violência Doméstica e o papel do psicólogo escolar nesta relação. Esta autora concluiu que ainda não existe um trabalho integrado e preventivo entre a Escola e o Conselho Tutelar, dificultando a elaboração de uma rede de proteção à criança.

Além destas dissertações, existem os projetos acadêmicos dos estudantes de psicologia inseridos nesta proposta de intervenção na escola, que buscam, de forma geral, construir conhecimentos que sirvam de subsídios para a formação e atuação do Psicólogo Escolar.

Assim, este projeto busca a promoção do desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes, principalmente nos contextos educativos, no qual participam vários profissionais e estudantes.

Objetivos

Objetivo Geral:

Avaliar uma proposta de intervenção preventiva em Psicologia no contexto educativo, denominado projeto “Vôo da Águia”, desenvolvida em uma creche municipal situada na região Leste da cidade de Campinas.

Objetivos Específicos:

1. Avaliar a importância do projeto “Vôo da Águia” para a creche apontada pelos educadores:
 - 1.a. Identificar os pontos fracos e fortes do projeto “Vôo da Águia”;
 - 1.b. Conhecer a opinião de educadores que vivenciam este projeto sobre o serviço do Psicólogo Escolar nesta proposta;
2. Descrever as atividades realizadas pelo Psicólogo Escolar que atua sob uma perspectiva preventiva;

II. MÉTODO

O presente capítulo descreve o percurso metodológico a ser utilizado para a obtenção dos dados, começando pela apresentação e justificativa da metodologia empregada, seguida pela caracterização do contexto de análise, das fontes de informação e participantes, do material de coleta e do procedimento empregado, juntamente com as questões éticas para a realização de pesquisa envolvendo seres humanos.

1. Considerações Metodológicas

De acordo com Guareschi (1998), a escolha de uma metodologia de pesquisa depende fundamentalmente do objeto de estudo que se quer investigar. No entanto, além disso, Richardson e colaboradores (1999) consideram que a escolha metodológica perpassa pela visão que o pesquisador possui de homem, sociedade e mundo, pois estes aspectos influenciam em sua interpretação da pesquisa, escolhendo a metodologia, o método e técnicas que pretende utilizar.

Visto que a presente pesquisa tem como tema central avaliar uma proposta de intervenção preventiva em uma instituição educacional infantil, utilizando como material de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada com as educadoras e os diários de campo, ela é permeada pela investigação qualitativa.

Segundo Minayo (1994), uma investigação qualitativa, preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, mensurado, isto é, trabalha com objetos de pesquisa que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

A pesquisa qualitativa sugere o trabalho de campo como uma possibilidade de alcançar não apenas o que se pretende conhecer e estudar, mas também o de criar conhecimentos a partir da realidade (Cruz Neto, 1994).

Essa foi uma das razões que também levou o pesquisador a adotar esta pesquisa, pois investiga e participa ativamente no campo pesquisado por meio do projeto “Vôo da Águia”. Assim, há uma relação estreita entre o pesquisador e o objeto de pesquisa.

Dentro desta perspectiva, o presente trabalho tem um caráter de pesquisa-ação³, pois, segundo Thiollent (2003), este tipo de pesquisa possibilita a intervenção ou inserção do pesquisador no contexto a ser pesquisado, possibilitando um envolvimento ativo entre o pesquisador e o participante.

Essa inserção no campo a ser pesquisado permite ao pesquisador fazer um registro de todos os acontecimentos ocorridos durante o momento de pesquisa. De acordo com Cruz Neto (1994), uma das formas de registrar este momento é o diário de campo, em que o pesquisador coloca as suas percepções, questionamentos e informações.

Por isso, a escolha deste material como fonte de informação uma vez que possibilita analisar dados mais próximos do cenário de pesquisa, no caso a escola. Enfim, em razão dessas considerações, esta pesquisa utiliza-se da metodologia qualitativa.

³ Para um melhor aprofundamento deste tipo de pesquisa, sugere-se a leitura do livro “Metodologia da pesquisa-ação”, de Thiollent (2003).

2. Cenário de Pesquisa

O contexto a ser descrito a seguir é a de uma Instituição Municipal de Educação Infantil, que segundo a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (2002), no artigo 29, tem como objetivo “o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (p. 161). Ainda, de acordo com a LDB, art. 30, a educação infantil⁴ pode ser oferecida em creches – para crianças de até três anos de idade – e pré-escolas – para as crianças de quatro a seis anos.

Instituição de Educação Infantil Municipal

A instituição educacional infantil a ser contextualizada é uma CEMEI – Creche Municipal de Educação Infantil – localizada na região Leste da cidade de Campinas. A escolha por esta Instituição Infantil deu-se em razão de a pesquisadora desenvolver um trabalho neste espaço, desde 2004, por meio do projeto “Vôo da Águia: prevenindo problemas sócio-emocionais e promovendo saúde”.

Este equipamento educacional atende gratuitamente cerca de 70 crianças com faixa etária entre três meses e dois anos e meio de idade, de segunda a sexta, em período integral das 7 às 17 horas, podendo permanecer na escola até às 18 horas.

⁴ De acordo com o Conselho Estadual de Educação de São Paulo (1999), as instituições de educação infantil devem integrar educação e cuidados.

Com base nas informações obtidas pela equipe-administrativa da escola este número de crianças não é fixo, em razão da rotatividade por questões de desistência e mudança de endereço da família.

A creche possui quatro turmas, sendo que conta com apenas três professoras e seis monitoras no turno da manhã. No período da tarde, atuam seis monitoras, mas sem a presença de professores. É importante considerar que a coleta de dados ocorreu somente com as educadoras da manhã, pois a pesquisadora desenvolvia o seu trabalho neste período do dia.

A equipe técnico-administrativa é constituída por uma diretora, uma vice-diretora, uma professora de educação especial, uma orientadora pedagógica, três serventes, duas cozinheiras e dois guardas.

Esta creche, como a maioria das Instituições educacionais Infantis, possui rotinas e regras que devem ser seguidas pelas crianças, sendo que estas rotinas são marcadas, geralmente, por alimentação, higiene, sono, brincadeiras e atividades pedagógicas.

Com o objetivo de conhecer o contexto de vida das crianças que freqüentam este equipamento educacional, foi realizado um mapeamento⁵ nesta instituição, visando conhecer o trabalho dos pais, local onde moram e a distribuição por gênero das crianças na escola. Este mapeamento foi construído a partir de uma pesquisa realizada nos prontuários da escola, no qual obtiveram-se os seguintes resultados:

⁵ Atividade realizada na CEMEI no ano de 2005 pela equipe de psicologia composta pela coordenadora do projeto Raquel Guzzo, pelas psicólogas Adinete Costa e Márcia Beckman e pelas estagiárias Aline Campregher, Marcela Dechichi, Camila Benvenuto, Fernanda Alves e Regiane Costa.

- Em relação à distribuição por sexo, 46% são meninas e 54% são meninos;
- A respeito da distribuição por bairro, 27% das crianças moram no bairro onde fica localizada a escola e 56% moram nas proximidades da escola;
- Com relação à situação de emprego dos pais, 67% das mães e 68% dos pais encontravam-se empregados.
- Quanto ao trabalho das mães, 31% exercem cargos de limpeza, como: domésticas, diaristas e auxiliar de limpeza, e 21% trabalham no comércio atuando como auxiliar de produção, auxiliar de serviços gerais, balconista, atendente, vendedora, entre outros.
- Em relação ao trabalho dos pais, 18% exercem cargos no comércio, como: caixa, serviços gerais, comerciante, entre outros, e 13% trabalham em construção civil atuando como pedreiro, pintor, encanador e careteiro.

Com base nos resultados obtidos, pôde-se levantar algumas hipóteses, uma delas é que os cargos ocupados pelos pais neste mercado de trabalho indicam o nível socioeconômico baixo da maioria das crianças.

Outra hipótese levantada por este mapeamento é que o fato da criança entrar muito cedo neste espaço pode ser em decorrência da maioria das mães trabalharem, necessitando deixar os seus filhos nesta instituição.

É importante ressaltar que o mapeamento trouxe um conhecimento sobre o contexto de vida das crianças e forneceu subsídios que permitiram identificar e construir as redes de apoio que atendem às crianças por meio da informação do bairro onde elas residem.

3. Fontes de informação e participantes

Os dados serão coletados por meio da análise de duas fontes: Diários de campo, feitos pela profissional de Psicologia que trabalhou no projeto, e o Roteiro de Entrevista com os agentes educadores envolvidos na proposta.

Assim, os participantes da pesquisa foram os educadores da instituição de educação infantil, principalmente professores e monitores, do turno da manhã.

Com o objetivo de melhor conhecer os participantes da pesquisa, foi elaborado o Quadro 1, que contém informações sobre o sexo, a profissão, tempo de serviço na escola, o grau de escolaridade e o bairro onde moram.

Quadro 1. Caracterização dos Agentes Educadores

Participantes	Sexo	Profissão	Tempo de Serviço	Escolaridade	Bairro onde mora
E1	Feminino	Professora	6 anos	Ensino Superior	Taquaral
E2	Feminino	Professora	12 anos	Ensino Superior Incompleto	Parque Imperador
E3	Feminino	Monitora	23 anos	Fundamental II	Jd. Boa Esperança
E4	Feminino	Monitora	18 anos	Ensino Médio	São Martins
E5	Feminino	Monitora	25 anos	Fundamental II	Jardim Conceição
E6	Feminino	Monitora	25 anos	Fundamental I	Vila 31 de Março
E7	Feminino	Monitora	15 anos	Ensino Médio	Jardim Santana
E8	Feminino	Monitora	19 anos	Fundamental II	Jardim Líria
E9	Feminino	Professora	2 anos	Ensino Superior	Souzas

Com base nas informações expressas no Quadro 1, observa-se que todas as participantes são do sexo feminino e que o período de serviço na escola varia entre 2 e 25 anos. Outro dado muito importante é a respeito da formação escolar, em que todas as professoras possuem curso superior, e as monitoras, em sua maioria, só possuem o ensino fundamental I ou II, com exceção de duas que concluíram o ensino médio. Este dado mostra a discrepância que existe na formação educacional entre professor e monitor.

Em relação à moradia das participantes, a maioria concentra-se na região Leste, onde fica localizada a escola. O fato das educadoras morarem nas proximidades da escola, assim como as crianças⁶, possibilitou a elas conhecerem o contexto familiar das crianças. Por isso, em conversas com as educadoras, principalmente monitoras, obtinha-se informações não apenas da criança, mas, também, sobre a família da criança.

4. Material de coleta

Considerando que o objetivo deste trabalho é o de avaliar uma proposta de intervenção preventiva em Psicologia no contexto educativo, por meio dos agentes educadores, além de conhecer a rotina do psicólogo que trabalha nesta proposta, foram utilizados, para a coleta de dados, os seguintes instrumentos: *Autorização para Consulta do Banco de Dados (Anexo 1)*, *Protocolo de Análise dos Diários de Campo (Anexo 2)*, *Termo de Consentimento de Agentes Educadores para a participação na pesquisa (Anexo 3)*, *Roteiro de Entrevista para os Agentes*

⁶ De acordo com os dados obtidos no mapeamento.

Educadores (Anexo 4), Protocolo de Análise da Entrevista com as Educadoras (Anexo 5), o gravador e fitas para o registro das entrevistas.

A *Autorização para Consulta do Banco de Dados* consta de informações a respeito da pesquisa e o pedido de permissão para consultar documentos e diários de campo do projeto “Vôo da Águia”, coordenado pela Prof^a.Dr^a Raquel Souza Lobo Guzzo.

O *Protocolo de Análise dos Diários de Campo* serviu para analisar os diários de campo da instituição de educação infantil produzidos pelo profissional de psicologia que participou do projeto, registrando dados como: sigla, data, atividade deste profissional e interpretação.

O *Termo de Consentimento de Agentes Educadores para a Participação na Pesquisa* visa esclarecer os objetivos da pesquisa e solicitar a permissão do educador para dela participar, com base no Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia (2005), que garante a participação voluntária dos indivíduos, informando-os com clareza sobre os objetivos da pesquisa e o uso que será feito das informações, obedecendo ao Art. 16º, a respeito da autonomia, liberdade e privacidade do participante, que garante a efetiva proteção dos participantes.

O *Roteiro de Entrevista para os Agentes Educadores*, que foi utilizado com os professores e monitores, foi elaborado visando obter informações que contemplassem os objetivos propostos pela pesquisa, por isso foi composto de 3 partes. A parte I buscou dados de identificação da profissão, como: profissão, tempo de serviço na escola, formação escolar e bairro onde reside. A parte II visou obter informações sobre a opinião do entrevistado a respeito do projeto “Vôo da

Águia”, e a parte III objetivou coletar dados sobre a opinião do entrevistado a respeito da função do psicólogo.

O Protocolo de Análise das Entrevistas com as Educadoras (Anexo 5) serviu como instrumento para organizar as respostas emitidas por cada educadora às perguntas realizadas e, em seguida, interpretadas.

5. Procedimentos

Tendo em vista que a pesquisa envolve seres humanos, visando à produção de conhecimentos que propiciam o desenvolvimento teórico do campo, e contribuam para uma prática profissional capaz de atender as demandas sociais, o presente trabalho foi primeiramente submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, com base no Código de Ética, estabelecido pelo Conselho Federal de Psicologia (2005). Após a aprovação do Comitê de Ética para a realização da pesquisa, deu-se início ao procedimento de coleta de dados com as educadoras.

Primeiramente, foi esclarecido a cada educadora no espaço escolar os objetivos da pesquisa e perguntado a elas se estariam dispostas a participar. Após a sua aprovação, eram agendados uma data e um horário para ser realizada a entrevista, visando não prejudicar o andamento das atividades da escola.

No início de cada entrevista, que ocorreu individualmente com cada educadora na própria escola, foi explicado sobre a pesquisa e leu-se junto com ela o termo de consentimento. Tendo a aprovação da educadora, perguntava-se se poderia gravar a entrevista. Após a sua permissão, dava-se início à entrevista, seguindo o roteiro de perguntas previamente formuladas (Anexo 4).

É importante, ressaltar que todas as entrevistas foram audiogravadas, e algumas educadoras, ao final da entrevista, pediram para escutá-las. Assim, retornava-se a fita e escutávamos juntas os trechos da entrevista. Foram realizadas nove entrevistas, uma com cada educadora, e a média de duração variou entre 20 e 40 minutos.

Após a transcrição das entrevistas, foi utilizado o Protocolo de Análise das Entrevistas com as Educadoras (Anexo 5), que foi preenchido com as respostas das educadoras e as interpretações do pesquisador. Este protocolo foi mostrado para cada educadora com o objetivo de perguntar se elas teriam algo a acrescentar e se as interpretações feitas estavam condizentes com as suas respostas.

Neste momento a pesquisadora aproveitou para informar que aquelas respostas e as interpretações fariam parte do corpo do trabalho, ressaltando, novamente, que seria preservada a identidade da educadora. Após esta fase, foi realizada a coleta dos Diários de campo.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que os objetivos específicos da pesquisa são avaliar a importância do projeto “Vôo da Águia” para a creche apontada pelos educadores e discutir a rotina do Psicólogo Escolar nesta proposta, este capítulo está estruturado em duas partes. Num primeiro momento são discutidas as respostas coletadas no roteiro de entrevista com as educadoras a respeito do projeto, e num segundo momento, os dados retirados dos diários de campo sobre as atividades realizadas pelo Psicólogo Escolar.

VISÃO DAS EDUCADORAS SOBRE O PROJETO “VÔO DA ÁGUIA”

Os dados obtidos pelas educadoras foram coletados por meio de um roteiro de entrevista semi-estrutura. Essa entrevista foi conduzida de forma não diretiva, fixando-se nas perguntas, mas orientada ou direcionada à questão a ser pesquisada.

Isso porque, uma entrevista semi-estruturada permite um discurso livre, que tem como objetivo recolher os depoimentos relacionados às questões propostas na pesquisa e estabelecer uma relação dialógica entre o participante e o pesquisador (Jacques, 1993).

Assim, vale ressaltar que durante a entrevista as participantes trouxeram dados referentes às suas vidas ou às suas relações na escola com os outros funcionários.

Após a transcrição da entrevista, ocorreu a seleção dos trechos referentes às respostas que contemplavam às perguntas consideradas no roteiro de entrevista semi-estruturado, e, em seguida, houve uma interpretação dessas

respostas pelo pesquisador. Todos os trechos selecionados e interpretados encontram-se no Anexo 6.

Com o objetivo de melhor visualizar e discutir as respostas das educadoras, este momento está dividido em cinco dimensões: papel do projeto “Vôo da Águia” na visão das educadoras; pontos fortes do projeto na visão das educadoras; pontos fracos do projeto na visão das educadoras; a visão das educadoras sobre o profissional de psicologia; e, expectativas em relação ao serviço do psicólogo escolar na visão das educadoras.

1. Papel do projeto “Vôo da águia” na visão das educadoras

Este item refere-se à opinião que as educadoras possuem sobre o projeto “Vôo da Águia”. Constatou-se, em algumas das respostas, que o projeto possibilita um trabalho integrado entre as educadoras e a equipe de Psicologia. Isso é evidenciado no discurso a seguir, quando uma educadora falou da necessidade de se obter uma visão psicológica sobre a criança para completar as informações que possuíam sobre elas.

“Olha, produtivo a princípio, esclarecedor e nós temos uma visão, é da parte pedagógica, né? Da forma como atuar pedagogicamente, vocês nos trazem informações e subsídios da parte psicológica da criança, completa a que nós temos” (E101).

Ainda com relação ao trabalho integrado, outra educadora expressou a necessidade de ter a ajuda de um especialista ao seu lado para trabalhar com a criança de forma mais efetiva, conforme a fala a seguir.

“Eu acho importante vocês estarem aqui, porque, sem a ajuda de vocês, a gente também não pode caminhar. Alguns problemas que a gente detecta na escola, inclusive com alguns alunos, a gente não tem como resolver se a gente não tiver um apoio de um especialista” (E201).

Observa-se, de forma geral, que as educadoras sentem, realmente, a necessidade de ter um trabalho interdisciplinar na escola. Assim, o Psicólogo, para ter sucesso em sua atuação, precisa compartilhar dos seus conhecimentos psicológicos com todos os envolvidos no processo educacional.

De acordo com Correia e Campos (2004), um dos pontos mais fecundos de atuação do Psicólogo Escolar é aquele direcionado às necessidades observadas na atividade do professor ou levantadas por este.

Nos discursos das educadoras, há a presença da busca de apoio de outro profissional para realizar atividades que realmente promovam o desenvolvimento saudável de seus alunos. As monitoras expressaram os seus sentimentos de isolamento antes da entrada do projeto na escola.

“Eu acho que ajuda muito principalmente com a criança, porque, antes, nós não tínhamos nada disso, né? Então a gente passava por tudo isso sozinha” (E701).
“Eu falo pras meninas (educadoras) ‘hoje em dia nós não têm o que reclamar, nós têm que agradecer a Deus pelas oportunidades que têm vocês (equipe de psicologia) olhando’. Antes nós tinha que sair do local pra ir e esticava um horário, assim sábado, ficava o dia inteiro. Aquela coisa cansativa, tinha que aprender tudo naquele dia, depois tinha que ir passando pras pessoas que queriam saber alguma coisa, tinha que ler a apostila. Hoje não, tem as pessoas que ajudam. Sabe ficou ótimo, porque nós tinha que ser psicóloga sem saber, professora sem ter formação de nada, aprendendo num dia só tudo isso e ainda olhar as crianças e a mãe cobrando, a administração cobrando e hoje em dia eu digo pra elas: ‘tão no céu’, e eu principalmente adorei” (E601).

Isso revelou a dificuldade que as monitoras possuíam quando trabalhavam sozinhas com a criança, pois a sua formação é insuficiente para atender a todas às necessidades da criança, demonstrando a importância de um trabalho interdisciplinar no ambiente educacional.

Além de o projeto possibilitar um trabalho integrado, as educadoras expressaram em suas falas que esta proposta de trabalho desenvolvida na escola busca conhecer o contexto familiar das crianças e vêem este tipo de intervenção como um fator positivo.

“Hoje não, hoje chega e vocês chegam, ‘olha acontece isso e isso com esta criança’, quer dizer, procura saber, vá conversar com os pais pra saber, entendeu? Eu gosto, eu achei que foi muito bom” (E701).

Outra questão apontada é que a equipe de Psicologia tem a preocupação de orientar pais e educadores em como lidar com as crianças.

“É um papel muito bom. É porque eu acho, sei lá, orienta muito as mães também, do jeito da criança, porque, conversando com elas, vocês passam pra gente, entendeu? Então fica sabendo como lidar com esta criança” (E801).

Esta resposta confirma o que Guzzo (2002b) discute em seu artigo sobre a formação e atuação do Psicólogo Escolar, ao considerar que a importância deste profissional junto aos professores e pais passa a ser reconhecida quando o psicólogo responde às dúvidas e dificuldades daqueles que convivem com crianças e adolescentes.

Isso mostra a importância do psicólogo compartilhar de seus conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil com a equipe escolar com objetivo de elaborar em conjunto ações que promovam a mudança na relação entre o educador e o educando.

Um outro aspecto trazido no discurso de uma monitora é a respeito de o projeto ter uma proposta de intervenção que busca um contato com as redes de apoio e proteção à criança e ao adolescente.

“Que aconteceu aquele negócio com a EE tudo, aí foi as três lá, sentou, conversou, explicou direitinho o trabalho, que vocês têm contato, que vocês têm realmente que saber o que acontece, vocês assim têm acesso ao Conselho Tutelar, isso é muito bom, porque ajuda a gente também, né?” (E401).*

Percebe-se nesse depoimento que a educadora valoriza a troca de informações entre a equipe de psicologia e a escola e, também, o trabalho em rede realizado pelo projeto. Para promover uma intervenção preventiva nos contextos educativos, precisa-se trabalhar de forma interdisciplinar e intervir em contextos que vão além dos espaços físicos da escola e buscando interação com os órgãos públicos de proteção à criança e ao adolescente para promover o seu desenvolvimento emocional e social.

É importante ressaltar que, uma monitora ainda possuía dúvidas quanto ao funcionamento do projeto, não conseguindo entender os seus objetivos apesar de ter tido reuniões com as educadoras objetivando apresentar o projeto, ou, até mesmo, conversas informais na escola sobre este trabalho. Observe a fala a seguir.

“É que eu não consigo entender bem qual é o papel de vocês, qual é o papel de vocês, se o papel de vocês é só observar? Conversar com os pais, aqui no caso é observar as crianças e conversar com os pais das crianças, é esse?” (E301).

2. Pontos fortes do projeto na visão das educadoras

Nesta questão as educadoras expressaram o que seriam os pontos fortes do projeto, com base no que elas observaram do serviço de psicologia na escola. Em suas respostas, um dos indicadores positivos deste projeto são as entrevistas realizadas com a família da criança para conhecer o contexto familiar e assim

* EE é uma sigla utilizada para preservar o nome da educadora.

ajudar a educadora que, muitas das vezes, não tem tempo para conversar com os pais, mas que precisam conhecer aspectos da vida de seus alunos.

“Conversar com os pais, que às vezes a gente não tem tempo, nunca assim de dialogar, estas coisas. Vocês dão esta participação pra gente, muita coisa. E vocês falam com os pais, ajudam, ver o que que tá passando com eles, uma coisa grave” (E6O2).

Ainda nesta perspectiva de participação e ajuda no trabalho com os pais, uma educadora falou sobre a importância de compartilhar as informações obtidas na entrevista.

“Eu acho que é a integração, a participação, né? As informações adquiridas com a convivência que vocês nos trazem, né? Em reuniões, é individual, na conversa informal, né? As entrevistas que vocês estão fazendo com os pais. É muito importante este retorno pra gente” (E102).

É importante considerar que esta troca de informações permite ao educador conversar sobre as crianças no intuito de encontrar apoio ou esclarecer dúvidas em como trabalhar com elas. Uma educadora ilustra bem esta situação quando diz:

“... acho que você ter alguém com quem contar, né? Conversar, expor o que a criança, percebe na criança, se a criança tem algum problema, se a criança tem algum, tem com quem falar, né? No caso com você” (E302).

Percebe-se, também, na fala de uma das participantes, que a equipe de Psicologia sempre está preocupada com a criança, observando-as em seu cotidiano. Além disso, a equipe sempre esteve presente semanalmente na escola e buscava um trabalho em conjunto.

“Olha, o que eu acho que é forte de vocês aqui é que vocês vêm, não falta mesmo, tá aqui toda semana, sempre perguntando pra gente, observa bastante aquela criança pra ver como que ela tá, como que ela não tá, porque às vezes a

criança tem algum problema e a gente não percebe, porque assim aquela facilidade que vocês têm de perceber logo se a criança tem alguma coisa ou se não tem, assim em relação não à deficiência, alguma coisa assim que já tem gerando desde casa, né? Que traz pra escola, porque, se a gente deixar a criança crescer dentro da escola com algum problema, é pior pro futuro dele, mais lá na frente. Então eu acho que já tem que cortar enquanto tá aqui com a gente e a gente tá aqui pra este trabalho, né? Fazer um trabalho em conjunto e fazer o que é melhor pra criança". (E402)

Observa-se, também, no depoimento trazido por esta educadora, a importância de se intervir, imediatamente, quando a criança está exposta a uma situação de risco, com o objetivo de não prejudicar o seu desenvolvimento sócio-emocional.

A participação nas atividades em sala de aula junto com as educadoras não se caracteriza como um serviço de observação, mas também de participação. Isso foi outra questão levantada pelas participantes.

"Pontos fortes é que vocês, assim eu acho importante vocês estarem em sala de aula, eu acho que não dá pra vocês trabalharem vendo a criança distante. Isto eu acho um ponto forte, estarem dentro da sala de aula" (E202).

"... a colaboração nas atividades, é a participação mesmo. Sentando junto com a criança, ajudando e participando das tarefas e das brincadeiras, assim, mais colaborando do que assistindo, né? É um estágio participativo" (E102).

Essa fala revela, mais uma vez, a importância do Psicólogo Escolar estar inserido no contexto escolar, e não em contextos extra-escolares como, consultórios clínicos ou postos de saúde, atendendo a demanda de alunos-problema vindos da escola.

Guzzo (2002b), já alertava sobre a importância do Psicólogo Escolar estar inserido no contexto educacional, ao invés de ficar atendendo as demandas da escola em seus consultórios particulares. Esta postura contribui para uma

representação errada por parte dos educadores sobre o papel do Psicólogo, além de esta atitude tirar toda a responsabilidade da escola sobre o aluno.

Outro indicativo positivo trazido por uma das participantes foi a atenção e dedicação às crianças e adultos. Isso confirma, que o projeto não se preocupa apenas com o bem-estar das crianças, mas com todas as pessoas inseridas na escola e revela seu caráter preventivo que busca trabalhar com grupos, numa perspectiva mais coletiva de atuação.

“O que é forte é a atenção que vocês dedicam, né? A cada um aqui dentro, desde as crianças, né! Até os adultos” (E502).

3. Pontos fracos do projeto na visão das educadoras

Este item buscou identificar algumas fragilidades do projeto com base no que as participantes observavam da atuação da equipe de Psicologia na escola.

Um dos aspectos trazidos como ponto fraco é a pouca informação entre o educador e a equipe de Psicologia. Observou-se, na fala da educadora, a necessidade de ser informada sobre os pais que serão entrevistados e o dia marcado para a entrevista, com o objetivo de tornar o trabalho mais interligado.

“... um deles é a falta de algumas informações pra que flua bem esta relação professor e estagiário de psicologia. Então, vocês, nós já tivemos um exemplo de uma mãe que não fui informada da entrevista, aliás, eu não fui informada da entrevista, e essa mãe veio me cobrando e eu fiquei assim sem ação, porque ‘não, acho que a senhora tá enganada’ e ela mostrou o papel: ‘olha aqui tá o nome da criança, a data, a hora’, e eu nem tinha conhecimento disso, desta entrevista que vocês iam tá fazendo e acho que faltou mesmo. Como ela é da tarde e eu sou da manhã, faltou mesmo encontro, faltou alguém informar isto” (E103).

Um outro aspecto levantado foi a respeito do pouco tempo na escola. Para algumas educadoras, isso prejudica muito o acompanhamento das crianças, pois informações são perdidas quando passadas à equipe de Psicologia depois de uma semana.

“... eu acho que vocês deveriam estar mais tempo e mais vezes durante a semana, porque, às vezes, assim, coisas que acontecem, vamos supor, na segunda-feira, só que até chegar na sexta, às vezes a gente já esqueceu de comunicar ou então a gente não vai passar pra vocês como aconteceu no momento, entende?” (E203).

“... fica muito pouco tempo e às vezes vocês chegam numa hora que é imprópria, que a gente não pode falar, dar a atenção que vocês querem. É isto, eu acho que pouco tempo, vem dar uma passadinha, uma olhada, aí a criança chora, quer atenção, aí pega e vai embora, aí começa a chorar ou entra e a criança começa a chorar. Então eu acho que teria que ser um estágio com mais tempo” (E303).

O fato da equipe de psicologia comparecer uma vez na semana na escola tem respaldo na situação de ser este envolvimento situado academicamente na condição de estágio curricular. Este projeto não pretende substituir o profissional de psicologia no contexto da escola, mas contribuir para a formação de políticas públicas que o incluam na rede pública de ensino.

Outra questão, presente no discurso de uma participante, é a interferência na sala de aula considerada como um ponto fraco.

“A interferência numa hora de uma atividade, é, invés de participar, é, desfez a atividade, prejudicou a atividade, bagunçou e as crianças dispersaram e eu não consegui fechar aquela atividade...” (E103).

Cabe ressaltar que este indicador, trazido como ponto fraco, contradiz o que esta mesma educadora considerou como fator positivo do projeto, que é a participação em sala de aula junto com o educador. Isso pode ser explicado,

utilizando a pesquisa de Correia e Campos (2004), que, ao discutir sobre a postura e a ação dos professores e seus dirigentes, considera comum encontrar discursos aparentemente construtivos na escola, mas com posturas extremamente contraditórias na prática.

Outro indicador considerado como ponto fraco do projeto, pelas participantes, é a pouca informação sobre o trabalho realizado com a criança. Algumas possuem dúvidas de quais aspectos são observados nas crianças acompanhadas pela equipe de psicologia. Isso mostra, a importância de realizar devolutivas mais explicativas sobre a criança.

“... eu não sei assim se vocês trabalham com crianças assim, se é só com as crianças, com os pais, é com as crianças e com os pais... eu não sei realmente mesmo no que assim vocês trabalham com elas, se é a disciplina, se é assim alguma deficiência, essas coisas assim...” (E403).

Apesar destes indicadores considerados como pontos fracos do projeto, quatro das nove educadoras entrevistadas, isto é, quase a metade afirmou que não existe um ponto fraco no projeto.

“Fraco eu não acho não, todo dia vocês passam aqui, o que vocês fazem, muito bom” (E603).

4. A visão das educadoras sobre o profissional de psicologia

Nesta questão, buscou-se conhecer a opinião das participantes sobre quem é o Psicólogo, de forma livre. Foi constatado, com base em algumas respostas, que o psicólogo é um profissional que vai atuar no problema, buscando a sua solução.

“... eu acho que é uma pessoa que vai ajudar, porque todos nós temos problemas e eu acho que ele vai ajudar nos problemas, resolver os problemas,

achar um caminho para resoluções de problemas de comportamento, problemas de socialização” (E204).

Percebe-se, na fala anterior, que o Psicólogo é visto como o responsável pela solução, em que as soluções seriam fornecidas por ele ou submetidas a ele, ao invés de ser visto como um agente mediador, que trabalha com todas as pessoas envolvidas na situação com o intuito de encontrar a solução apropriada em conjunto. O trecho a seguir expressa, novamente, a visão do Psicólogo atuando sempre em situações-problema.

“... eu acho que é uma pessoa que ajuda as outras pessoas que esteja com alguma dificuldade, com a criança que tenha algum problema, eu entendo isso, não sei se é realmente isso, mas eu acredito que seja...” (E304).

Observa-se que, em geral, estas respostas emitidas pelas participantes vêm a confirmar aquela visão tradicional de que o Psicólogo é um profissional que trabalha no problema, atuando de maneira remediativa, com o foco no indivíduo e não nos grupos.

Esta visão é, também, consequência da forma de trabalho individualista e imediatista exercida pelo Psicólogo durante muito tempo e, por isso, ainda são tão marcantes na sociedade. Por isso, a necessidade de o Psicólogo adotar práticas mais contextualizadas com caráter preventivo, saindo do foco individual, para promover essa mudança de percepção.

Ainda dentro dessa perspectiva de solucionador, que trabalha com as pessoas que possuem algum tipo de problema, ele é visto como um orientador, como alguém capacitado para analisar o indivíduo.

“Psicólogo é um orientador que ajuda as pessoas, no caso que vocês estudaram pra isso, né? Eu não posso dizer como que vou examinar as pessoas se eu não tenho este estudo e vocês têm” (E604).

“... é uma pessoa que orienta, ajuda principalmente as pessoas que têm problema” (E804).

Segundo Martínez (2003), a função de orientação pode ser considerada uma forma específica de intervenção, mas não pode ficar reduzida a orientações individuais com um sentido fundamentalmente clínico, como exposto nas falas das educadoras.

Outro aspecto levantado é o papel de escuta do Psicólogo, em que ele serve como um profissional pronto para escutar a pessoa que necessita de ajuda.

“Psicólogo é bom pra gente tá desabafando, falando dos problemas, ele tá orientando e ajudando a gente como resolver. É isso?” (E404).

“Enfim é, é um assim, um desabafo pra gente se sentir bem rápido. É um desabafo pra que a gente possa se sentir bem...” (E504).

Dentro dessa linha de pensamento, caberia ao Psicólogo orientar e ajudar pessoas ou grupos que estão vivenciando situações que possam vir a prejudicar em seu desenvolvimento, buscando promover o bem-estar.

“Olha uma pessoa, um profissional com uma competência que vai tá ajudando no bem-estar de outra pessoa que necessita a princípio, né?” (E104).

Outro ponto observado é que o Psicólogo é visto como um profissional que intervém mais na questão relacionada às dimensões do desenvolvimento sócio-emocional do indivíduo.

“Agora se a gente quiser aprofundar isto vai tá trabalhando o emocional, vai tá trabalhando o comportamento, vai tá trabalhando traumas, vai tá trabalhando as necessidades do sujeito...” (E104).

“Trabalha acho que todos os aspectos do ser humano, criança acaba trabalhando a aprendizagem indiretamente, mas acaba trabalhando, trabalha mais no emocional” (E904).

É importante considerar que apareceram respostas positivas sobre a atuação deste profissional, quando algumas educadoras já utilizaram deste serviço e encontraram soluções para os problemas que estavam enfrentando em suas vidas.

“Eu acho que assim, não sei se porque tive problema com minha filha, mas é uma pessoa que ajuda muito. Coisas que a gente não sabia como resolver, aprende a resolver, aí você vê que não era nada daquilo, sabe?... pega coisa lá do fundão que não tinha nada a ver, mas que tá prejudicando agora, faz a gente enxergar, né!” (E704).

5. Expectativas em relação ao serviço do psicólogo escolar na visão das educadoras

Esta questão teve como objetivo conhecer as expectativas que as educadoras possuem sobre o serviço do Psicólogo na escola. Dentre as respostas obtidas, pode-se constatar que as participantes esperam que este profissional ajude no trabalho do Pedagogo por meio da troca de informações.

“É olhar diferente do pedagogo... em relação ao comportamento e às atitudes da criança e que ele me passe esta informação pra que ele melhore minha tarefa e meu profissional, no meu lado profissional no trabalho. Então ele vai me acrescentar com as informações, com as colaborações, com as participações nesse sentido...” (E105).

Esta visão de trabalho integrado entre o educador e o Psicólogo vem a confirmar um dos resultados encontrados na pesquisa realizada nesta instituição por Guzzo, Campos, Costa e Weber (2005), intitulada “Psicólogo e educadores da

educação infantil: Um modelo de atuação participativa”. Nessa pesquisa ficou constatado que a participação nas atividades desenvolvidas na escola, em conjunto com os agentes educadores, contribui para uma mudança de percepção do Psicólogo na escola como um profissional de apoio que trabalha junto para buscar soluções aos problemas enfrentados no cotidiano da escola.

No entanto, apesar de ser pontuada a visão de um trabalho integral, ainda existem expectativas de que o Psicólogo irá resolver os problemas das crianças que possuem alguma dificuldade, sendo este profissional o responsável para encontrar a solução para o problema.

“Que ele arrume uma solução pra estes problemas (ela sorri), que é o mais forte que eu acho com as crianças...” (E205).

As educadoras, também, esperam que o psicólogo trabalhe com a família das crianças que possuem alguma dificuldade, porque acreditam que os problemas que elas apresentam na escola advêm da família.

“... eu acho que é importantíssimo o papel de vocês em relação aos pais destas crianças, porque têm coisas que as crianças, é que a gente percebe, mas que a criança na realidade num é da criança e sim dos pais, né? Então acho importantíssimo este contato que vocês têm com os pais, eu acho, uma coisa que eu acho importantíssimo que vocês continuem fazendo este trabalho” (E205).

“Este trabalho de ajudar os pais destas crianças problemáticas, têm muitos problemas estas crianças, a vidinha deles não é fácil...” (E705).

Observa-se, no depoimento anterior, que as educadoras conseguem perceber a influência de uma dinâmica familiar impactando na vida de uma criança de forma positiva ou negativa. De acordo com Rossi (2003), os eventos de vida e as circunstâncias de sofrimento em uma família, podem afetar o bem-estar físico e

psíquico dos filhos quando expostos a situações de violência, abandono, negligência entre outros fatores que interferem no desenvolvimento saudável de uma criança.

Por isso, algumas educadoras possuem a expectativa de que o Psicólogo Escolar possa ajudá-las no trabalho com os pais.

“Nossa, que ajude a gente a trabalhar bastante com estes pais, porque com a criança não é tanto do jeito que ela é porque ela quer, porque eu acho que vem de casa, um tratamento completamente diferente e a gente tá aqui é pra educar, em casa a gente não sabe como é” (E405).

Uma das educadoras afirmou que o Psicólogo tem um papel de colaborador. Isso mostra a importância desse profissional estar na escola cooperando com a equipe para a construção de atividades que promovam o desenvolvimento de todos os envolvidos no processo educativo.

“Uma colaboração aos educadores, famílias, crianças, uma grande necessidade aqui nesta escola...” (E905).

Confirmando este papel colaborador, uma participante expressou a necessidade de sempre ter este profissional dentro da escola desenvolvendo com o educador um trabalho integral junto com as crianças, considerando os aspectos pedagógicos e psicológicos, de acordo com a especialidade do profissional.

“Eu pelo menos acho necessário ter uma pessoa especializada pra trabalhar com a gente, porque eu acho incrível professores dizerem que num achem necessário ter um psicólogo na sala. Eu acho, eu gostaria que sempre tivesse, que nós não somos especialistas nesta área” (E205).

Este depoimento provoca uma discussão sobre a questão da inserção do trabalho do Psicólogo na escola e vem a confirmar uma pesquisa realizada por

Gomes (2002), em que se discutem alguns dos resultados que foram obtidos em sua tese de doutorado. Nessa pesquisa, a autora, constatou que os professores concordam com a idéia de que o Psicólogo deve trabalhar dentro da escola, integrado à equipe escolar.

É importante considerar que, em relação às expectativas do serviço de Psicologia na escola, algumas participantes responderam que gostariam que este profissional fizesse o mesmo trabalho que a equipe de Psicologia desenvolve na escola.

“Que ele continue fazendo o que vocês fazem aqui” (E805).

“Continue fazendo o trabalho que vocês fazem, viu? Que continue fazendo o mesmo trabalho que vocês fazem, com essa mesma dedicação que vocês têm, assistência, entendeu?” (E505).

Nesses depoimentos observa-se uma inserção positiva da equipe de psicologia na escola. Isso mostra a contribuição do projeto “Vôo da Águia” para a entrada desse profissional, que geralmente não é aceito nas instituições educacionais. De acordo com Guzzo (1996) a comunidade possui um desconhecimento geral sobre quem é o Psicólogo Escolar e como ele pode atuar nos contextos educativos, prejudicando na entrada dele no ambiente escolar e no seu reconhecimento.

Após a apresentação e a discussão dos dados obtidos por meio da entrevista, será apresentada as informações e a discussão dos resultados coletados nos diários de campo, com o objetivo de conhecer as atividades do profissional de Psicologia que trabalha neste projeto.

A escolha de utilizar o diário de campo como fonte de pesquisa ocorreu em razão de a pesquisadora buscar dados mais próximos da realidade, pois os diários de campo permitem uma documentação das experiências e problemas observados no campo a ser pesquisado (Flick, 2004).

ATIVIDADES REALIZADAS PELO PSICÓLOGO ESCOLAR NESTA PROPOSTA

Primeiramente foi feito um levantamento dos diários de campo no banco de dados do LAMP, selecionando os registros advindos da creche onde se encontra inserido o projeto “Vôo da Águia” e, em razão de um número significativo de diários de campo, optou-se por trabalhar apenas com os diários de campo produzidos pela pesquisadora no período de um ano, totalizando 40 diários de campo, que encontram-se expressos no Quadro 2.

Quadro 2. Identificação da Quantidade de diários de campo no período estudado

Participante	Quantidade de Diários de Campo	Período	Relator
P	19	13-08-2004 a 17-12-2004	Psicóloga
	21	04-02-2005 a 08-07-2005	
Total	40	13-08-2004 a 17-12-2004	

Em seguida, foi feita uma legenda destes diários de campo escolhidos, visando identificar o ano, o número, a data e a sigla. Assim, cada trecho selecionado destes registros vem acompanhado de uma sigla, conforme expresso no Quadro 3.

Quadro 3. Legenda dos Diários de Campo

2004			2005		
Nº	Data	Sigla	Nº	Data	Sigla
1	13-08-2004	P01	20	04-02-2005	P20
2	19-08-2004	P02	21	11-02-2005	P21
3	27-08-2004	P03	22	17-02-2005	P22
4	01-09-2004	P04	23	18-02-2005	P23
5	10-09-2004	P05	24	25-02-2005	P24
6	16-09-2004	P06	25	11-03-2005	P25
7	24-09-2004	P07	26	18-03-2005	P26
8	29-09-2004	P08	27	01-04-2005	P27
9	01-10-2004	P09	28	08-04-2005	P28
10	08-10-2004	P10	29	15-04-2005	P29
11	22-10-2004	P11	30	29-04-2005	P30
12	29-10-2004	P12	31	06-05-2005	P31
13	12-11-2004	P13	32	13-05-2005	P32
14	19-11-2004	P14	33	20-05-2005	P33
15	24-11-2004	P15	34	03-06-2005	P34
16	26-11-2004	P16	35	10-06-2005	P35
17	30-11-2004	P17	36	17-06-2005	P36
18	03-12-2004	P18	37	24-06-2005	P37
19	17-12-2004	P19	38	05-07-2005	P38
			39	06-07-2005	P39
			40	08-07-2005	P40

Feita a legenda dos diários de campo, cada um destes registros foram analisados utilizando o Protocolo de Análise dos Diários de Campo (Anexo 2). Neste momento, foram selecionados trechos condizentes com a proposta da

pesquisa e depois transcritos e interpretados. Por meio dessa interpretação, surgiram as atividades desenvolvidas pelo profissional de Psicologia.

A partir dos 40 diários de campo no período de um ano, foram identificadas sete atividades: *contato com os profissionais da escola e com os pais sobre a criança; acompanhar o desenvolvimento da criança na escola; ouvir a equipe pedagógica; participar das atividades desenvolvidas na escola com as educadoras; acompanhar e orientar as estagiárias de psicologia na escola; ajudar as educadoras no cuidado com as crianças; conhecer o espaço físico, rotina e os funcionários da escola.* Essas atividades estão expressas Quadro 4.

Quadro 4. Atividades desenvolvidas pelo Psicólogo Escolar

ATIVIDADES DO PSICÓLOGO ESCOLAR	F	%
1. Conversar com os profissionais da escola e com os pais sobre a criança	30	22,73
2. Acompanhar do desenvolvimento da criança na escola	29	21,96
3. Escutar a equipe pedagógica	23	17,42
4. Participar das atividades desenvolvidas na escola com as educadoras	20	15,15
5. Acompanhar e orientar as estagiárias de psicologia na escola	18	13,64
6. Ajudar as educadoras no cuidado com as crianças	08	6,06
7. Conhecer o espaço físico, rotina e os funcionários da escola.	04	3,03
Total	132	100

1. Conversar com os profissionais da escola e/ou com os pais sobre a criança

Este contato refere-se a todas as ações em que o Psicólogo procura ou é procurado pela equipe Pedagógica ou pelos pais para conversar sobre a criança, buscando informações sobre elas, além de dar algumas orientações em como proceder com elas na escola ou em casa.

Esse contato constante e integrado com o educador é importante quando se tem em vista a promoção de um ambiente saudável para o desenvolvimento da criança, além de identificar as percepções que o educador possui da criança.

“Ao chegar na sala da professora EE, fui recebida por ela dizendo que precisava falar comigo com urgência a respeito do CC**, que possui um histórico de tentativa de aborto e rejeição por parte da mãe. Disse que ele está piorando a cada dia, tornando-se muito agressivo e desobediente, e que gostaria que eu falasse com a mãe dele” (P11).*

De acordo com Marinho-Araujo e Almeida (2005), o Psicólogo Escolar deve acompanhar e analisar a relação estabelecida entre o educador e o educando, fazendo uma observação sistemática da dinâmica de sala de aula e nos demais contextos sócio-educativos, para traçar planos de intervenção que visem a concretização de uma cultura de sucesso escolar.

Em alguns momentos a equipe de psicologia era solicitada pela equipe técnica-administrativa da escola para acompanhar algumas crianças que as preocupavam.

* EE é uma sigla utilizada para preservar o nome do educador.

** CC é uma sigla utilizada para preservar o nome da criança.

“Neste momento a EE nos colocou vários casos de crianças que ela gostaria que a gente acompanhasse para dar um parecer de como a escola deveria proceder” (P01).

Há momentos em que o educador procura a ajuda do profissional de psicologia para conversar com a criança. Esse momento é fundamental para o Psicólogo atuar e fortalecer a importância de sua presença na escola.

“A EE se aproximou e pediu para eu conversar com a CC que estava sentada em um canto da sala chorando, perguntei o que havia acontecido e a educadora não sabia. Pediu para eu conversar com CC usando o meu jeitinho, que só eu sei sabia fazer” (P18).

Conversar com as educadoras sobre o desenvolvimento infantil e a importância do espaço escolar para este desenvolvimento por meio do diálogo, favorece na construção de ações que promovam o crescimento social e emocional da criança.

“Depois conversei com a EE a respeito da CC, que é uma criança de um ano e meio que percebo o seu desenvolvimento prejudicado, em razão de passar todo o dia dentro do berçário. Disse que seria importante colocar esta criança em outra sala, pois ela precisa interagir com crianças de sua idade ou mais velha no parquinho, pois no berçário a maioria não chega a ter um ano, são crianças de colo” (P33).

O contato com a família também é uma atuação indispensável para o Psicólogo na escola. Este procedimento possibilita conhecer o contexto familiar da criança e fortalecer a relação entre escola, psicólogo e família por meio da troca destas informações.

“Primeiramente tive uma conversa com a mãe da CC, que possui a filha notificada no Conselho Tutelar. Em razão desta conversa, muitas dúvidas surgiram, o que me fez procurar a direção da escola para alguns esclarecimentos” (P07).

Além deste contato com a família e a escola, é importante que o Psicólogo oriente os familiares em como proceder com a criança, mas sempre tendo o cuidado em como conduzir esta orientação.

“Conversei com a avó sobre a importância da criança ter ao seu lado alguém em que ele possa confiar, que lhe dê atenção e carinho, e que não precisaria ser necessariamente a mãe. Ela poderia ocupar este lugar, e o importante neste momento é que ela fizesse o CC se sentir muito amado e protegido” (P12).

2. Acompanhar o desenvolvimento da criança na escola

Nesta categoria, foram englobadas todas as ações em que se buscou observar o desenvolvimento da criança na sala de aula, parque e refeitório, a partir da interação em brincadeiras, observação, conversas individuais ou busca em prontuários da escola.

Segundo Bronfenbrenner (1979/1996) o microssistema por conter a pessoa é o que mais afeta no desenvolvimento do indivíduo. Por isso, a importância em acompanhar a criança no seu microssistema para observar como ela interage com as outras pessoas. Assim fica evidente a necessidade do Psicólogo observar a criança no contexto escolar (microssistema).

Então, é importante o acompanhamento individual e coletivo com esta criança, realizado por meio da interação, conversas, observações e atividades dirigidas que venham a colaborar na busca de informações sobre o seu contexto familiar.

“Durante o meu contato com os gêmeos, pude constatar que o CC tem muita dificuldade para receber ou dar afeto, não interage com facilidade. Precisei conversar bastante com ele e fazer carinho até ser aceita por ele. Em contra partida, o CC possui facilidade para se expressar, além de ser bastante

afetuoso. Observando estas duas crianças, só venho a comprovar como a diferença na criação dos filhos interfere diretamente nos comportamentos das crianças” (P11).

A observação de cada criança no espaço da escola permite perceber o seu desenvolvimento sócio-emocional, como: iniciativa, relações sociais, autonomia, afeto e motricidade.

“A cada dia que vou à creche, observo que as crianças estão se desenvolvendo rapidamente. Quando imagino cada uma delas assim que chegaram, observo o crescimento e me surpreendo com a agilidade destas crianças. Algumas crianças que, no início, mostravam-se amedrontadas com toda aquela novidade, agora estão mais soltas, interagindo, pulando, conversando, brincando...” (P33).

Além de observar o desenvolvimento sócio-emocional, deve-se perceber o desenvolvimento biológico da criança, como: peso, altura, grau de atividade, alimentação, olheiras, assaduras, alergias, entre outros fatores que possam interferir no desenvolvimento saudável dessa criança.

“Logo após me dirigir ao berçário para observar as crianças, em especial a CC que é uma criança que chegou cheia de assaduras e que segundo as monitoras a mãe possui problemas mentais. No horário do banho, percebe que a criança continua assada, o que a deixa chorando durante todo o dia. Então falei para as monitoras que chamaria a mãe para conversar” (P33).

Pois segundo González Rey (2004) deve-se trabalhar a saúde sob uma perspectiva social, que considere os aspectos somáticos (corpo) e psíquico (mente) do indivíduo.

Outro aspecto importante, é buscar conhecer o histórico da criança na escola por meio do prontuário e compartilhar as informações consideradas nestes documentos com a equipe pedagógica de forma conjunta e integrada.

“Após a conversa com a mãe, me dirigi até a direção para olhar o prontuário da CC. De acordo com este documento, a CC está matriculada desde o início do ano de 2002, sendo encaminhada pelo juiz para a escola por motivo de desnutrição” (P09).

3. Escutar a equipe pedagógica

Nesta categoria estão incluídos todos os momentos em que a equipe Pedagógica procurou a psicóloga para conversar sobre as suas vidas, questões referentes à própria escola ou sobre dúvidas a respeito do serviço de psicologia.

Este papel de escuta institucional torna-se uma importante função para o Psicólogo Escolar. Del Prette e Del Prette (2003), Marinho-Araujo e Almeida (2005), em seus trabalhos, alertam para a necessidade de o Psicólogo promover um momento de escuta ao professor, em que o educador possa falar sobre os seus momentos de angústia no processo educativo e por meio disso fazê-lo refletir sobre o seu papel ativo para mudar a realidade de sua escola.

“Ela se queixou que a diretora fica solicitando a professora da turma no horário de brincadeiras das crianças para cuidar da biblioteca. Ela acha isso errado, pois deveria priorizar as crianças e por isso ela está sempre sozinha nestas horas. Falou com bastante indignação sobre a possibilidade da diretora querer aumentar o número de crianças, alegou que elas não dariam conta de cuidar de todas estas crianças, só se a diretora aumentasse o número de funcionários” (P02).

É importante ressaltar que o psicólogo deve estar sempre disposto a esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir sobre a sua intervenção na escola. Deve promover um ambiente que possibilite ao educador se sentir à vontade para questionar ou criticar a sua atuação na escola.

“Resolvemos sair da sala e ir para o refeitório. Neste momento encontrei a monitora EE e perguntei o que achou da apresentação, se teve alguma dúvida. Ela fez uma cara de desconfiada, e desabafou. Disse que na verdade ainda tinha algumas dúvidas, pois as pessoas comentavam que nós estávamos lá para vigiá-las” (P27).

O Psicólogo no contexto escolar precisa conhecer a vida do educador e não apenas da criança, buscando o bem-estar de todos que estão na escola.

“Ao chegar na CEMEI, fui ao parquinho conversar com a professora EE sobre as suas ausências na sexta-feira, pois estava muito preocupada. Ela explicou que estava fazendo um tratamento de dente e só estava conseguindo marcar a consulta para o período da manhã, mas também houve um período que estava faltando por causa do seu processo de separação. Segundo ela, o marido, apesar de já estar morando com outra mulher há anos, não queria assinar os papéis” (P34).

4. Promover ou participar de reuniões com a equipe pedagógica e/ou de atividades desenvolvidas na escola com as educadoras

Esta atividade refere-se aos momentos em que a psicóloga participa ou promove reuniões, formais ou informais, com a equipe Pedagógica sobre o funcionamento da escola como: fórum de pais, calendário escolar, devolutiva sobre o serviço de psicologia, apresentação do projeto, bem como a participação na formação continuada das educadoras.

Esta categoria vem a confirmar a idéia de Martínez (2003), ao considerar, que o Psicólogo Escolar, para traçar estratégias de intervenção, necessita da participação de professores, dirigentes educacionais ou outros especialistas,

realizando um verdadeiro trabalho em conjunto, a fim de abrir e consolidar seu espaço dentro da instituição escolar.

“Despedi-me das crianças e fui falar com a EE. Ao chegar na sala dela, a M estava com ela e aproveitamos para tirar algumas dúvidas e marcar um dia para reunir. Segundo a EE, no próximo ano os TD’s vão ficar no mesmo horário, e a única mudança é que a CEMEI só irá receber crianças de até dois anos no máximo, pois maiores do que esta idade irão para a EMEI em meio período” (P18).

Outra questão de fundamental importância é a necessidade de realizar encontros com as educadoras para discutir e acompanhar a evolução do trabalho desenvolvido com as crianças, revendo os procedimentos e realizando os encaminhamentos necessários.

“Hoje foi realizada uma reunião com as educadoras visando dar um retorno da entrevista feita com elas sobre o que pensavam do serviço de psicologia e das crianças que as preocupavam” (P17).

É importante considerar, conforme Correia e Campos (2004), que o Psicólogo não deve apenas apontar defeitos na postura do docente, pois corre o risco de perdê-lo como membro do seu grupo. Assim, esta atividade exige do Psicólogo habilidades para alcançar seus objetivos sem, necessariamente, ferir a autonomia do profissional.

Enfim, segundo Marinho-Araujo e Almeida (2005), o Psicólogo Escolar deve participar e promover uma assessoria aos trabalhos coletivos desenvolvidos na escola junto aos docentes, direção e equipe técnica, visando o desenvolvimento e a qualificação de competências específicas para o desempenho profissional da equipe escolar.

5. Acompanhar e orientar as estagiárias de Psicologia na escola

São todos os momentos em que a psicóloga acompanha e orienta as estagiárias de Psicologia escolar em suas atividades na escola. Esta categoria elucida um dos principais papéis do Psicólogo Escolar na formação dos estudantes de Psicologia: a supervisão de estágio.

“Por volta das 9h15min as estagiárias chegaram juntas e fui colocando alguns aspectos que seriam interessantes elas observarem neste primeiro momento, como: as relações estabelecidas na escola entre professor e aluno, aluno e aluno e professor e monitor” (P05).

De acordo com as pesquisas de Novaes (1992, 1996), Witter (1992), Guzzo (1996, 2002b), há a necessidade de acompanhar de forma mais sistemática os estudantes de Psicologia durante a supervisão de estágio, além de o supervisor favorecer um ambiente que possibilite a estes estudantes refletirem a partir de sua prática.

“No final da manhã, orientei as estagiárias sobre as crianças que estavam em dúvida em como proceder, e solicitei que escrevessem tudo o que acontecia e sentiam, dando opiniões sobre o que estavam observando” (P11).

Nos episódios citados, observa-se a necessidade de acompanhar os estagiários na escola, saindo do ambiente acadêmico da universidade e entrando com eles no contexto escolar, favorecendo na aproximação entre a teoria e a prática. Enfim, percebe-se que os estagiários precisam ser bem acompanhados no campo para contribuir na construção de sua identidade profissional.

“Ao chegar na escola, conversamos com as estagiárias e explicamos como seria a dinâmica da devolução para as educadoras: cada estagiária iria chamar uma educadora por vez de sua sala e falaria sobre as crianças que acompanhou” (P39).

6. Ajudar as educadoras no cuidado com as crianças

São todas as ações que ajudam o educador no cuidado com a criança nos vários espaços do contexto escolar, como: parque, sala de aula, refeitório e banheiro.

“... a monitora pediu a minha ajuda para colocar as crianças na mesa para almoçar, enquanto ela banhava as duas... Levei as crianças até a mesa e servi cada uma delas, pegando os pratos na cozinha, adorei a experiência do dia” (P02).

O Psicólogo Escolar, ao entrar em uma instituição de educação infantil, depara-se com funções que vão além de suas atribuições encontradas na literatura. Observe o trecho a seguir:

“Ao chegar no teatro, CC estava com dor de barriga e falou para a monitora. Como estava começando o teatro, EE pediu para eu levá-la. Então levei a criança até o banheiro e ela começou a chorar dizendo que estava com muita dor de barriga e queria a sua mãe. Percebe que estava com diarreia e disse para não se preocupar, pois estava com ela e que, assim que terminasse o teatro, iria pedir para a sua mãe vir buscá-la. Ela ficou calma e voltamos ao teatro” (P18).

Há a necessidade de nos aproximarmos do cotidiano e participar ativamente das atividades desenvolvidas pelo educador, que vão desde os aspectos pedagógicos ao cuidar.

“Em seguida fui, à sala da EE e passei o restante da manhã acompanhando as crianças. Foi bastante significativo. Pude coordenar a sala por alguns momentos, pois a monitora e a professora saíram, deixando-me com as crianças” (P09).

7. Conhecer o espaço físico, a rotina e os funcionários da escola

Nesta categoria foram englobadas todas as ações em que se buscaram informações sobre o espaço físico, a rotina e os funcionários da escola, com o objetivo de melhor conhecer o contexto escolar.

“Ao chegar na escola, nos dirigimos até a diretoria para comunicar que estaríamos na escola coletando algumas informações a respeito do espaço físico da escola, pois iria facilitar nas supervisões dos estagiários. Na diretoria, conhecemos a nova vice-diretora da EE a EE. Apresentamos-nos e falamos um pouco sobre o nosso trabalho. A vice-diretora foi bastante solícita e nos ajudou em algumas informações como: número de professores e de salas, faixa etária das crianças, etc” (P01).

O Psicólogo Escolar, ao entrar em uma instituição educacional, primeiramente deve conhecer o espaço físico, a rotina, as relações sociais estabelecidas na escola, enfim, fazer uma análise institucional ou mapeamento institucional (Correia e Campos, 1994; Marinho-Araujo e Almeida, 2005).

“Após o término da reunião, dirigi-me à direção para conhecer os novos funcionários que foram contratados em razão da licença maternidade da diretora EE. A EE ocupou o cargo da direção e entrou uma nova vice-diretora a EE e uma Orientadora Pedagógica, a EE” (P20).

Com base nos resultados obtidos na entrevista com as educadoras, pode-se fazer as seguintes sínteses:

- Sobre o papel do projeto: para as participantes esta proposta favorece na construção de um trabalho interdisciplinar que visa o desenvolvimento integral da criança, além de exercer um papel de mediador entre a família e a escola.

- Sobre os pontos fortes do projeto: de acordo com as participantes as entrevistas realizadas com a família e posteriormente compartilhada com a educadora é uma ação positiva desenvolvida pelo projeto. A participação no cotidiano da escola, preocupada com a criança e com as educadoras, sendo visto como uma profissional de apoio favorece numa visão positiva sobre o projeto.
- Pontos Fracos do projeto: de modo geral, as participantes identificaram como pontos frágeis dessa proposta o pouco tempo na escola, a interferência na dinâmica da sala de aula e, por fim, a necessidade de ter uma devolutiva mais detalhada sobre o serviço realizado com a criança.
- Visão do Psicólogo: com base nas respostas das educadoras, observa-se que o psicólogo ainda é percebido como um profissional que atua no problema buscando a sua resolução, numa perspectiva individualista e remediatista.
- Expectativas em relação ao serviço do Psicólogo Escolar: no geral, as educadoras esperam que o psicólogo escolar trabalhe integrado com o educador, ajudando-o em sua ação com a família e a criança, no entanto com aquela expectativa de que irá resolver os problemas das crianças que preocupam.

Em relação às atividades desenvolvidas pelo Psicólogo coletadas no diário de campo, pode-se fazer as seguintes sínteses:

- Conversar com os profissionais da escola e com os pais sobre a criança: percebe-se a importância do Psicólogo Escolar conversar com os educadores e a família com o objetivo de conhecer o contexto familiar da criança, e atuar como mediador na relação família, psicólogo e escola.
- Acompanhar o desenvolvimento da criança na escola: observa-se que deve busca o desenvolvimento saudável da criança, por meio de ações que considere os aspectos biológicos e sociais.
- Escutar a equipe pedagógica: o profissional de psicologia precisa conhecer o educador, abrindo espaços de escuta para o professor conversar sobre as suas dificuldades.
- Participar das atividades desenvolvidas na escola com as educadoras: faz-se necessário participar e promover reuniões coletivas ou individuais que discutam a respeito do desenvolvimento da criança.
- Acompanhar e orientar as estagiárias de psicologia na escola: observa-se a importância do Psicólogo acompanhar os estagiários de psicologia com o objetivo de contribuir em sua formação.
- Ajudar as educadoras no cuidado com as crianças: o profissional que atuar em instituições de educação infantil se depara com ações que englobam não apenas a educação, mas o cuidado com as crianças.

- Conhecer o espaço físico, rotina e os funcionários da escola: deve-se conhecer o contexto onde se pretende atuar para a partir disso traçar planos de intervenção.

Em relação aos resultados obtidos, de forma geral, por meio da entrevista com as educadoras e dos diários de campo, pôde-se perceber três grandes questões relacionadas ao Psicólogo Escolar: a visão que as educadoras possuem do Psicólogo Escolar; a inserção do Psicólogo na escola; e atividades realizadas pelo Psicólogo Escolar que atua sob uma perspectiva preventiva.

A respeito da visão do Psicólogo, percebe-se que as educadoras estão construindo uma visão deste profissional quando expressavam em suas falas o papel do projeto e os seus pontos fortes. Nestas questões, as participantes evidenciavam o trabalho interdisciplinar do Psicólogo na escola, as conversas realizadas com pais, crianças e educadoras, as orientações dadas aos pais e educadoras, o trabalho integrado com as redes de apoio e proteção à criança realizado pelo Psicólogo, entre outros.

No entanto as educadoras não conseguiam expor esta visão quando se perguntava quem era o psicólogo e quais as expectativas que possuíam sobre o serviço dele na escola. As respostas continuavam focadas no modelo remediatista e individualista. Isto evidencia que a visão construída pelo Psicólogo, na sociedade, de solucionador, focado no indivíduo, ainda se encontra muito forte.

Outra questão muito marcante, suscitada pelos resultados, foi a respeito da inserção do Psicólogo no contexto escolar. As educadoras expressam em seus depoimentos, a necessidade de ter um profissional de apoio para ajudá-las no

trabalho com as crianças no cotidiano da escola, participando, junto com elas, das atividades realizadas em sala de aula.

Este resultado vem a confirmar a pesquisa realizada por Gomes (2002), quando constatou que os profissionais de educação consideram como função do Psicólogo Escolar participar da equipe Pedagógica, trabalhando de forma integrada para ajudá-los no desempenho de suas atividades educacionais.

Em relação às atividades desenvolvidas pelo Psicólogo, pôde-se perceber que a maioria de suas ações correspondem às atividades atribuídas a este profissional quando possui uma perspectiva de atuação preventiva, conforme as quatro dimensões consideradas por Marinho-Araujo e Almeida (2005): *mapeamento institucional, espaço de escuta psicológica, assessoria ao trabalho coletivo e acompanhamento ao processo de ensino-aprendizagem.*

Fica evidenciado em sua rotina o trabalho integrado com as educadoras, visando o desenvolvimento sócio-emocional das crianças, a promoção e participação de reuniões com a equipe escolar com o intuito de discutir e encontrar em conjunto soluções adequadas aos problemas enfrentados na escola, as conversas com os pais objetivando conhecer o contexto familiar da criança, além de tentar promover uma relação entre a família e a escola.

Estas principais atividades descritas também confirmam as idéias de Trombeta e Guzzo (2002), ao afirmarem que o psicólogo, no ambiente escolar, deve buscar uma atuação direcionada a grupos e não a indivíduos, devendo agir sobre a escola, a família e a comunidade, para promover a saúde no espaço educacional.

Em relação ao Projeto “Vôo da Águia”, termos gerais, estes resultados trouxeram as seguintes contribuições:

- Esse projeto favorece na mudança de percepção sobre ação do psicólogo na escola, mesmo que de forma gradual;
- O Projeto colabora para o movimento de inserção do Psicólogo Escolar nos contextos educativos, a partir do momento em que faz a escola perceber a importância de ter um profissional de psicologia inserido na escola, como um colaborador.
- A necessidade de desenvolver uma ação mais direcionada ao educador, que necessita da ajuda da equipe de psicologia para desenvolver o seu trabalho;
- Promover mais espaços de discussão que possibilitem ao educador tirar eventuais dúvidas sobre o funcionamento do projeto;
- As atividades realizadas pela pesquisadora na escola por meio desta proposta estão condizentes com o modelo de intervenção preventiva;
- A necessidade de compartilhar de forma mais detalhada com as educadoras sobre as atividades realizadas com a criança, apesar de já existir um momento de devolutiva;
- Este projeto possibilita a inserção do profissional-pesquisador e dos estagiários de psicologia na escola, favorecendo na construção de teorias advindas da prática.

No geral, os resultados comprovaram que as educadoras possuem uma avaliação positiva sobre o projeto desenvolvido na escola e também sobre a inserção do Psicólogo no contexto educacional.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou à pesquisadora responder algumas questões pessoais que foram consideradas no início deste trabalho sobre a atuação preventiva do Psicólogo Escolar. Os objetivos, tanto geral como específicos, da pesquisa se pautaram nas dúvidas sentidas sobre o real papel do psicólogo nas instituições educacionais.

Em termos gerais, pode-se perceber a importância de desenvolver pesquisas e elaborar projetos de intervenção condizentes com a realidade encontrada na maioria das escolas públicas, geralmente marcadas pela negligência, violência, opressão e, sobretudo, com os direitos de sobrevivência negados.

Foi constatado, também, que a implantação de projetos preventivos no ambiente escolar favorecem a construção de uma nova identidade para o Psicólogo Escolar, mesmo que isso ocorra de forma lenta. Esta mudança de percepção vai se formando e se solidificando com o decorrer de uma vivência cotidiana comprometida do psicólogo com a equipe escolar.

Outra questão marcante nesta pesquisa diz respeito às atividades e orientações desenvolvidas com os estagiários de Psicologia, que, durante todo o seu processo de formação necessitam refletir sobre as teorias adquiridas na graduação com base na realidade que presenciaram na escola, tentando fazer uma crítica construtiva entre os conteúdos dos livros e a vida real.

Em relação ao contato com o educador, fica clara a necessidade de o Psicólogo estabelecer um espaço de escuta, para conhecer as relações estabelecidas no ambiente escolar e a própria vida deste educador. Muitas educadoras, principalmente as monitoras, possuem as mesmas condições de vida

da maioria das crianças e compartilham os seus temores e preocupações em relação às suas crianças e às suas próprias vidas.

Fica evidente nesta pesquisa o sentimento de isolamento das educadoras, que, anteriormente, sentiam-se sozinhas e perdidas, querendo achar respostas para trabalhar com as crianças que se encontravam em situações de risco. Atualmente, segundo os relatos, encontram apoio na equipe de psicologia para buscar, em conjunto, soluções adequadas à situação.

É importante ressaltar que a presente pesquisa possibilitou perceber a importância de se exercer uma profissão com comprometimento e envolvimento. Todo e qualquer projeto preventivo, para sair do papel e entrar na escola, necessita ser composto por psicólogos e estagiários que busquem, de alguma forma, tentar mudar a realidade escolar na qual estarão inseridos. Um projeto, que vise provocar mudanças precisa necessariamente de profissionais competentes e dispostos a colocar em prática as idéias nele consideradas.

As expectativas que a pesquisadora possuía a respeito do projeto, foram supridas, pois ele, aplicado no espaço escolar, provocou mudanças na vida das pessoas envolvidas naquele espaço – educador, crianças e familiares – e no projeto – equipe de Psicologia.

No sentido amplo, o objetivo da pesquisa tinha a finalidade de trazer contribuições para o Psicólogo Escolar que pretende atuar no contexto escolar sob perspectiva preventiva, além de evidenciar a construção da percepção do educador sobre o Psicólogo que adota este modelo de intervenção.

V. REFERÊNCIAS

- Almeida, S. F. C. (2002). O psicólogo no cotidiano da escola: re-significando a atuação profissional. Em: R. S. L. Guzzo (Org.). Psicologia escolar: LDB e educação hoje (2 ed., pp. 77-90). Campinas: Alínea.
- Almeida, S. F. C. (2003). O psicólogo escolar e os impasses da educação: implicações da(s) teoria(s) na atuação profissional. Em: Z. A. P. Del Prette (Org.). Psicologia Escolar e educacional: saúde e qualidade de vida (2 ed., pp. 43-58). Campinas: Alínea.
- Alves, P. B. (1997). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Psicologia: reflexão e crítica. 10 (2). Disponível on line: www.scielo.br. Recuperado em 15 de outubro de 2004.
- Benzi, N. (1996). Psicologia escolar na rede particular de ensino de Campinas. Dissertação de Mestrado não publicada. PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Bronfenbrenner, U. (1979/1996). A ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, D. B. (2004). A psicologia escolar no Brasil: Uma análise da sua transformação em especialidade profissional e da sua configuração nas diretrizes curriculares. Em: O. H. Yamamoto & A. C. Neto (Org.). O psicólogo e a escola: Uma introdução ao estudo da psicologia escolar (pp.187-203). Natal: EDUFRN.
- Conselho Estadual de Educação de São Paulo (1999). Indicação CEE Nº 04/99. Disponível on line: http://www.ceesp.sp.gov.br/Indicacoes/in_04_99.htm. Recuperado em 8 de novembro de 2005.
- Conselho Federal de Psicologia (2005). Resolução Nº 010/2005. Disponível on line: www.pol.org.br. Recuperado em 24 de setembro de 2005.

- Conselho Federal de Psicologia (2000). Resolução Nº 14/2000. Disponível on line: www.pol.org.br. Recuperado em 22 de outubro de 2005.
- Correia, M. & Campos, H. R. (2004). Psicologia escolar: Histórias, tendências e possibilidades. Em: O. H. Yamamoto & A. C. Neto (Org.). O psicólogo e a escola: Uma introdução ao estudo da psicologia escolar (pp. 137-185). Natal: EDUFRN.
- Costa, A. S. (2003). Desenvolvendo a competência do psicólogo nas organizações escolares. Monografia de Especialização não publicada. PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Cruces, A. V. V. (2003). Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade. Em: S. F. C. Almeida, (Org.). Psicologia escolar: ética e competência na formação e atuação profissional (pp. 17-36). Campinas: Alínea.
- Cruz Neto, O. (1994). O trabalho de campo como descoberta de criação. Em: M. C. Minayo (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade (21 ed., pp. 51-66). Petrópolis: Vozes.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2001). O psicólogo ecológico no contexto institucional: Uma experiência com meninas vítimas de violência. Psicologia, Ciência e Profissão, 21 (1), 14-29.
- Del Prette, Z. A. P. (1999). Psicologia, educação e LDB: novos desafios para velhas questões. Em: R. S. L. Guzzo (Org.). Psicologia escolar: LDB e educação hoje (2 ed., pp. 11-34). Campinas: Alínea.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2003). Habilidades sociais e educação: Pesquisa e atuação em psicologia escolar/educacional. Em: Z. A. P. Del Prette

- (Org.). Psicologia Escolar e educacional: saúde e qualidade de vida. (2 ed., pp. 113-141). Campinas: Alínea.
- Flick, U. (2004). Documentação de dados. Em: U. Urie. Uma introdução à pesquisa qualitativa (pp. 179-187, Trad. M. A. V. Veronese). Porto Alegre: Bookman.
- Freire, P. (1992). Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gayotto, A. C. G. (2001). Direitos da criança: percepção de professores. Dissertação de Mestrado não publicada, PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Gentili, P. (1998). Ocupar a terra, ocupar as escolas: dez questões e uma história sobre a educação e os movimentos sociais na virada do século. Em: P. Gentili. A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo (2 ed., pp. 117-130). Petrópolis: Vozes.
- Giannetti, C.; Tizzei, R. & Guzzo, R. S. L. (2004). Vôo da Águia. VI Seminário de Avaliação e Planejamento do Projeto “Do Risco à Proteção: uma intervenção preventiva na comunidade”. Valinhos, SP. Manuscrito não publicado.
- Gomes, V. L. T. (2002). A formação do psicólogo escolar e os impasses entre a teoria e a prática. Em: R. S. L. Guzzo (Org.). Psicologia escolar: LDB e educação hoje (2 ed., pp. 49-75). Campinas: Alínea.
- Gonçalves, C. L. (1994). Formação e estágio acadêmico em psicologia escolar no Brasil: análise curricular. Dissertação de Mestrado não publicada. PUC-Campinas, Campinas, SP.

- Gonçalves, C. L. (2000). Supervisão de estágio em psicologia escolar: perspectiva e atuação de supervisores. Tese de Doutorado não-publicada. PUC-Campinas, Campinas, SP.
- González Rey, F. (1997). Psicologia e saúde: desafios atuais. Psicologia: Reflexão e crítica, 10 (2), 275-288.
- González Rey, F. (2004). Conceito de saúde: Seus determinantes psicossociais. Em: F. González Rey. Personalidade, saúde e modo de vida (pp. 1-52). São Paulo: Thomson.
- Guareschi, P. A. (1998). Quantitativo versus Qualitativo: uma falsa dicotomia. Revista Psico, 29 (1), 165-174.
- Guzzo, R. S. L. (1996). Formando psicólogos escolares no Brasil: dificuldades e perspectivas. Em: S. M. Wechsler (Org.). Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática (pp. 75-92). Campinas: Alínea.
- Guzzo, R. S. L. (2000a). Risco e proteção: busca de indicadores para uma intervenção preventiva. Projeto de Pesquisa CnPQ, PUC-Campinas. LAMP
- Guzzo, R. S. L. (2000b). Construindo as bases para a prevenção primária no Brasil. Relatório Técnico CnPQ, PUC-Campinas, Campinas, SP. LAMP
- Guzzo, R. S. L. (2002a). Manual das escalas de Avaliação para prevenção primária. Relatório Técnico CnPQ, PUC-Campinas, Campinas, SP. LAMP
- Guzzo, R. S. L. (2002b). Novo paradigma para a formação e atuação do psicólogo escolar no cenário educacional brasileiro. Em: R. S. L. Guzzo (Org.). Psicologia escolar: LDB e educação hoje. (2 ed., pp. 131-144). Campinas: Alínea.

- Guzzo, R. S. L. (2003a). Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. Em: Z. Del Prette (Org.). Psicologia Escolar e educacional: saúde e qualidade de vida (2 ed., pp. 25-42). Campinas: Alínea.
- Guzzo, R. S. L. (2003b). Educação para a liberdade, Psicologia da Libertação e Psicologia Escolar: uma práxis para a liberdade. Em: S. F. Almeida (Org.). Psicologia escolar: ética e competência na formação e atuação profissional (pp. 169-178). Campinas, SP: Alínea.
- Guzzo, R. S. L.; Campos, A. P.; Costa, A. S. & Weber, M. A. L. (2005). Psicólogo e educadores de educação infantil: um modelo de atuação participativa. Comunicação apresentada no Congresso Nacional ABRAPPE.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais–INEP (2005). Disponível on line: www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_cursos.asp. Recuperada em 17 de fevereiro de 2005.
- Jacques, M. G. C. (1993). Um método dialético de análise de conteúdo. Revista Psico, 24 (2), 117-127.
- Lacerda Jr., F. & Guzzo, R. S. L. (2005). Prevenção primária: história, limites e possibilidade. Manuscrito não publicado, PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Lei de Diretrizes e Bases – LDB (2002). Em: R. S. L. Guzzo (Org.). Psicologia escolar: LDB e educação hoje (2 ed., pp. 145-191). Campinas: Alínea.

- Lima, T.; Silva, L. & Silva, S. (2004). As políticas sociais de atenção à criança e ao adolescente no Maranhão. Disponível on line: www.cedca.ma.gov.br. Recuperado em 14 de outubro de 2004.
- Maluf, M. R. (2003). O psicólogo escolar e a educação: uma prática em questão. Em: Z. A. P. Del Prette (Org.). Psicologia Escolar e educacional: saúde e qualidade de vida (2 ed., pp. 59-71). Campinas: Alínea.
- Machado, E. (2004) Risco e proteção: busca por uma compreensão não-linear desses constructos. Dissertação de Mestrado não publicada, PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Mancebo, D. (1997). Formação do psicólogo: uma breve análise dos modelos de intervenção. Psicologia Ciência e Profissão, 17 (1), 20-28.
- Marinho-Araujo, C. M. & Almeida, S. F. C. (2005). Intervenção Institucional: Possibilidades de prevenção em psicologia escolar. Em: C. M. Marinho-Araujo & S. F. C. Almeida Psicologia escolar: Construção e consolidação da identidade profissional (pp. 85-98). Campinas: Alínea.
- Marques, C. A. (2004). Falando da criança e de uma história de vida: compreendendo a visão de pais. Dissertação de Mestrado não - publicada, PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Martín-Baró, I. (1997) O papel do psicólogo. Estudos de psicologia (Natal), 2(1), 7-27.
- Martín-Baró, I. (1998). El papel desenmascarador del psicólogo. Em: A. Blanco (Ed.) Psicología de la liberación (pp. 161-199). Madrid: Trotta.

- Martínez, A. M. (1996). La escuela: un espacio de promoción de salud. Em: Revista Psicologia escolar e educação, 1 (1), 19-24.
- Martínez, A. M. (2003). O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: Áreas de atuação e desafios para a formação. Em: S. F. Almeida (Org.). Psicologia escolar: ética e competência na formação e atuação profissional (pp. 105-124). Campinas, SP: Alínea.
- Minayo, M. C. (1994). Ciência, técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. Em: M. C. Minayo (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. (21 ed., pp. 9-29). Petrópolis: Vozes.
- Ministério da Saúde (2002). A promoção da saúde no contexto escolar. Revista Saúde Pública 36 (2), 533-535. Disponível on line: www.scielo.com. Recuperado em 5 de setembro de 2005.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2004). O modelo biológico do desenvolvimento humano. Em: S. H. Koller (Org.) Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil (pp. 51- 65). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Novaes, M. H. (1992). Formação e padrões éticos do psicólogo escolar. Em: Psicólogo escolar: identidade e perspectiva. (pp. 144-146). Anais do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. ABRAPEE. Campinas: Átomo.
- Novaes, M. H. (1996). Visão interdisciplinar na formação do psicólogo escolar. Em: S. M. Wechsler (Org.). Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática (pp. 127-136). Campinas: Alínea.

- Pfromm Neto, S. (1996). As origens e o desenvolvimento da psicologia escolar. Em: S. M. Wechsler (Org.). Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática (pp. 21-38). Campinas: Alínea.
- Richardson, R. J., Peres, J. A. d. S., Wanderley, J. C. V., Correia, L. M. & Peres, M. d. H. d. M. (1999). Epistemologia do trabalho científico. Em: Richardson, R. J., Peres, J. A. d. S., Wanderley, J. C. V., Correia, L. M. & Peres, M. d. H. d. M. Pesquisa social: métodos e técnicas (pp 32-54). São Paulo: Atlas.
- Rossi, T. M. F. (2003). Significações de professores sobre a escola: O caso de uma escola pública em um assentamento habitacional do Distrito Federal. Em: Z. A. P. Del Prette (Org.). Psicologia Escolar e educacional: saúde e qualidade de vida (2 ed., pp. 177-199). Campinas: Alínea.
- Tizzei, R. (2004). Olhar sobre a criança: a perspectiva de pais sobre o desenvolvimento. Dissertação de Mestrado não publicada, PUC-Campinas, Campinas, SP.
- Thiollent, M. (2003). Estratégias de Conhecimento. Em: M. Thiollent. Metodologia da pesquisa-ação (12 ed., pp. 13-46). São Paulo: Cortez.
- Torezan, A. M. (1999). Psicologia escolar e a nova conjuntura educacional brasileira. Em: R. S. L. Guzzo (Org.). Psicologia escolar: LDB e educação hoje (2 ed., pp. 35-48). Campinas: Alínea.
- Trombeta, L. & R. S. L. Guzzo (2002). Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes. Campinas: Alínea.

Weber, M. A. L. (2005). Violência doméstica e rede de proteção: dificuldades, responsabilidades e compromissos. Dissertação de Mestrado não publicada, PUC-Campinas, Campinas, SP.

Witter, G. P. (1992). Formação e padrões éticos do psicólogo escolar: reflexões e síntese. Em: Psicólogo escolar: identidade e perspectiva. (pp. 148). Anais do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. ABRAPEE. Campinas: Átomo.

ANEXOS

Anexo 1

AUTORIZAÇÃO PARA CONSULTA DE BANCO DE DADOS

Prezada Prof^a. Dr.^a Raquel Souza Lobo Guzzo.

Venho por meio desta solicitar a sua autorização para consultar o Banco de Dados relacionado ao projeto “Vôo da Águia: prevenindo problemas sócio-emocionais e promovendo saúde”, incluído em um projeto maior denominado “Do Risco à Proteção: análise de indicadores para uma intervenção preventiva”.

A minha pesquisa visa conhecer, discutir e avaliar este projeto de intervenção preventivo, por meio de documentos e relatórios de campo realizados pelos estagiários e profissionais que participaram desta proposta na escola.

É bom destacar que o campo de coleta de dados não se restringe ao banco de dados. Será utilizado, também, como fonte de coleta, um roteiro de entrevista com os educadores que vivenciam este projeto sobre a sua visão a respeito do projeto “Vôo da Águia” e do serviço do psicólogo.

Espero contar com a sua autorização, colocando-me ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas que necessitem ser esclarecidas.

Concordando com a autorização, solicito que a prezada Coordenadora do Projeto preencha a carta de consentimento abaixo. Desde já, agradeço a sua valorosa colaboração.

Atenciosamente,
Adinete Sousa da Costa
Psicologia/ PUC-Campinas.

Carta de Consentimento

Eu _____, Coordenadora do Projeto “Do Risco à Proteção: análise de indicadores para uma intervenção preventiva” autorizo **Adinete Sousa da Costa** a pesquisar o Banco de Dados deste projeto com o objetivo de cooperar na realização de sua pesquisa intitulada **Psicólogo na Escola: avaliação do projeto “Vôo da Águia”**.

Assinatura: _____ Data: ____ / ____ / ____

Anexo 2

PROTOCOLO DE ANÁLISE DOS RELATÓRIOS DE CAMPO

Sigla	Data	Atividade do Profissional	Interpretação

Anexo 3

TERMO DE CONSENTIMENTO DE AGENTES EDUCADORES PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Prezada Educadora,

Estou realizando uma pesquisa nesta escola com o objetivo de conhecer e avaliar o projeto de intervenção preventivo “Vôo da águia: prevenindo problemas sócio-emocionais e promovendo saúde”, coordenado pela Prof^a. Dr^a Raquel Souza Lobo Guzzo, além de buscar as suas opiniões a respeito do Psicólogo Escolar.

Estarei entrevistando você individualmente e esta atividade deverá durar aproximadamente meia hora, e serão realizadas na escola a partir de um acordo prévio com você sobre o horário disponível para não haver prejuízos em sua atividade em sala de aula.

Vale ressaltar que as informações coletadas nesta atividade serão utilizadas na pesquisa, preservando os dados sobre sua identidade. Espero contar com a sua colaboração, colocando-me ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas que necessitarem ser esclarecidas.

Concordando com a participação, solicito que a prezada educadora preencha a carta de consentimento abaixo. Desde já, agradeço a sua valorosa colaboração.

Adinete Sousa da Costa (Orientanda)

Raquel Souza Lobo Guzzo (Orientadora)

Psicologia/PUC-Campinas. Tel: 3729-8534

Carta de Consentimento

Eu _____, educadora da Escola Municipal de Educação Infantil Isaura Roque Quércia – CEMEI, concordo em participar da pesquisa intitulada **Psicólogo na Escola: avaliação do projeto “Vôo da Águia”**, conduzido por **Adinete Sousa da Costa**, sob a orientação da **Prof^a. Dr^a Raquel Souza Lobo Guzzo**.

Assinatura: _____ Data: ____ / ____ / ____

Anexo 4

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS AGENTES EDUCADORES

ESCOLA: _____

Data: ____ / ____ / ____

I. Dados de identificação da Profissão:

a) Na escola desempenha o papel de:

() Professor () Monitor () Outros: _____

b) Tempo que exerce a função nesta instituição:

() Até 01 ano () de 01 a 02 anos () de 02 a 05 anos () mais de 05 anos

c) Residência (Bairro): _____

d) Formação: () Fundamental I

() Fundamental II

() Ensino Médio

() Ensino Superior

Outros:

II. Opinião do entrevistado sobre a inserção do projeto Vôo da Águia a partir do serviço do psicólogo:

a) Como você vê o papel do projeto “Vôo da Águia” na escola?

b) Na sua opinião quais os pontos fortes e fracos deste serviço?

III. Opinião do entrevistado sobre a função do psicólogo na escola:

a) O que é o psicólogo para você?

b) O que você espera que ele faça na escola?

Anexo 5

Protocolo de Análise das Entrevistas com as Educadoras

1. Como você vê o papel do projeto “Vôo da Águia” na escola?		
Participante	Resultado	Interpretação
2. Qual o ponto forte do projeto?		
Participante	Resultado	Interpretação
3. Qual o ponto fraco do projeto?		
Participante	Resultado	Interpretação
4. Quem é o psicólogo para você?		
Participante	Resultado	Interpretação
5. O que você espera que o psicólogo faça na escola?		
Participante	Resultado	Interpretação

Anexo 6

Análise das Entrevistas com as Educadoras

1. Como você vê o papel do projeto “Vôo da Águia” na escola?

Nº do doc.	Resposta	Interpretação
E101	<i>“Olha, produtivo a princípio, esclarecedor e nós temos uma visão, é da parte pedagógica, né? Da forma como atuar pedagogicamente, vocês nos trazem informações e subsídios da parte psicológica da criança, completa a que nós temos”.</i>	Possibilita integrar a visão psicológica com a pedagógica no trabalho com a criança.
E201	<i>“Eu acho importante vocês estarem aqui, porque, sem a ajuda de vocês, a gente também não pode caminhar. Alguns problemas que a gente detecta na escola, inclusive com alguns alunos, a gente não tem como resolver se a gente não tiver um apoio de um especialista”.</i>	Possibilita o trabalho do pedagogo junto com o psicólogo.
E301	<i>“É que eu não consigo entender bem qual é o papel de vocês, qual é o papel de vocês, se o papel de vocês é só observar? Conversar com os pais, aqui no caso é observar as crianças e conversar com os pais das crianças. É esse?”</i>	Não tem claro o papel do projeto. O ver como apenas de observação.
E401	<i>“Bom, assim, eu quase assim não vejo muito coisa, eu vejo os trabalhos que vocês fazem com as outras meninas, elas vêem assim coisas boas, que vocês participam, chamam os pais, conversam com os pais. Isto a gente vê resultados, mas assim nas outras salas, né? Porque na nossa a gente quase não vê muito, mas teve um dia lá que foi o caso da G., né?”</i>	Participa, conversa com os pais e educadoras, procura saber sobre a vida da criança.

	<i>Que aconteceu aquele negócio com a J., aí foi às três lá, sentou, conversou, explicou direitinho o trabalho que vocês têm contato, que vocês realmente quer saber o que acontece, vocês assim têm acesso ao conselho tutelar. Isso é muito bom, porque ajuda a gente também, né!”</i>	
E501	<i>“É um projeto que ajuda bastante, ajuda mesmo, assim na circunstância do momento do depois, sabe? Do agora, entendeu? É um projeto bom mesmo, bom que a gente sente segurança, entendeu? A gente sente mais segurança”.</i>	Um projeto que ajuda, trabalha com o educador deixando-o mais seguro.
E601	<i>“O projeto é bom, uma coisa diferente que teve na unidade, eu gostei. Não é só lidar com a criança, né! Tem mais alguma coisa que vocês fazem, muito bom”.</i> <i>“Eu falo pras meninas (educadoras) ‘hoje em dia nós não têm o que reclamar, nós têm que agradecer a Deus pelas oportunidades que têm vocês (equipe de psicologia) olhando’. Antes nós tinha que sair do local pra ir e esticava um horário, assim sábado, ficava o dia inteiro. Aquela coisa cansativa, tinha que aprender tudo naquele dia, depois tinha que ir passando pras pessoas que queriam saber alguma coisa, tinha que ler a apostila. Hoje não, tem as pessoas que ajudam. Sabe ficou ótimo, porque nós tinha que ser psicóloga sem saber, professora sem ter formação de nada, aprendendo num dia só tudo isso e ainda olhar as crianças e a mãe cobrando, a administração cobrando e hoje em dia eu digo pra elas: ‘tão no céu’, e eu principalmente adorei”.</i>	Um projeto diferente que não lida apenas com a criança. A necessidade do trabalho interdisciplinar no contexto educativo.

E701	<i>“Eu acho que ajuda muito principalmente com a criança, porque antes nós não tínhamos nada disso, né? Então a gente passava por tudo isto sozinha. Hoje não, hoje chega e vocês chegam “olha acontece isso e isso com esta criança”, quer dizer procura saber, vai conversar com os pais pra saber, entendeu? Eu gosto, eu achei que foi muito bom”.</i>	Um projeto que ajuda as crianças e as educadoras. Procura conhecer a vida da criança conversando com os pais.
E801	<i>“É um papel muito bom. É porque eu acho sei lá, orienta muito as mães também, do jeito da criança, porque, conversando com elas, vocês passam pra gente, entendeu? Então fica sabendo como lidar com esta criança”.</i>	Um projeto que orienta os pais e as educadoras em como proceder com as crianças.
E901	<i>“O projeto tem algo a enriquecer... porque já vai entrar na próxima pergunta que é o ponto forte. Eu observo o desempenho de vocês de virem, preocupadas com os pais, mas de querer amenizar algum problema ou alguma situação que não é um problema, mas que a criança vai passar, o pai vai passar. No meu caso, o L., eu tô vendo que as meninas tão querendo mesmo uma situação que ele vai ter uma cirurgia então”.</i>	O projeto preocupa-se com a criança conversando com os pais, para amenizar algum problema que a criança possa vir a passar. Prevenção.

2. Qual o ponto forte do projeto?

Nº do doc.	Resultados	Interpretação
E102	<i>“Eu acho que é a integração, a participação, né? As informações adquiridas com a convivência que vocês nos trazem, né? Em reuniões, é individual, na conversa informal, né? As entrevistas que vocês estão fazendo com os pais, é muito importante este retorno pra gente”.</i>	Trabalho integrado e participativo. Entrevista com os pais. Conversa individual com as educadoras, troca de informação.

	<i>“Sentando junto com a criança, ajudando e participando das tarefas e das brincadeiras, assim, mais colaborando do que assistindo, né? Colabora mais do que assiste e já as que sentam no fundo da sala e ficam olhando, então é um estágio observador. O de vocês é um estágio participativo”.</i>	
E202	<i>“Pontos fortes é que vocês, assim eu acho importante vocês estarem em sala de aula, eu acho que não dá pra vocês trabalharem vendo a criança distante. Isso eu acho um ponto forte, estarem dentro da sala de aula”.</i>	Participar das atividades em sala de aula, junto com a criança e o educador.
E302	<i>“... acho que você ter alguém com quem contar né? Conversar expor o que a criança, percebe na criança, se a criança tem algum problema, se a criança tem algum, tem com quem falar, né? No caso com você”.</i>	Possibilita conversar a respeito da criança.
E402	<i>“Olha, o que eu acho que é forte de vocês aqui é que vocês vêm, não falta mesmo, tá aqui toda semana, sempre perguntado pra gente, observa bastante aquela criança pra ver como que ela tá, como que ela não tá, porque às vezes a criança tem algum problema a gente não percebe, porque, assim, aquela facilidade que vocês têm de perceber logo se a criança tem alguma coisa ou se não tem, assim em relação não à deficiência, alguma coisa assim que já tem gerando desde casa, né? Que traz pra escola, porque se a gente deixar a criança crescer dentro da escola com algum problema é pior pro futuro dele, mais lá na frente. Então eu acho que já tem que cortar enquanto tá aqui com a gente e a gente tá aqui pra este trabalho, né? Fazer um trabalho em</i>	Sempre preocupados com a criança, observando-as. Nunca faltam. Trabalho em conjunto.

	<i>conjunto e fazer o que é melhor pra criança”.</i>	
E502	<i>“O que é forte é a atenção que vocês dedicam, né? A cada um aqui dentro, desde as crianças, né? Até os adultos”.</i>	A atenção dedicada à criança e aos adultos.
E602	<i>“Conversar com os pais que às vezes a gente não tem tempo, nunca assim de dialogar, estas coisas. Vocês dão esta participação pra gente, muita coisa. E vocês falam com os pais, ajudam, ver o que que tá passando com eles, uma coisa grave”.</i>	Ajuda o educador quando conversa com os pais.
E702	<i>“É tudo isso que falei na de cima, né?”</i> (refere-se à primeira questão)	Ajuda as crianças e as educadoras. Conversa com os pais pra saber sobre a vida das crianças.
E802	<i>“Eu tô pensando assim, no bem estar do L., que a A. veio, conversou com a mãe. Isso aí eu achei uma coisa excelente. É ponto forte”.</i>	Preocupa-se com a criança e conversa com os pais.
E902	<i>“... eu observo o desempenho de vocês de virem, preocupados com os pais, mas de querer amenizar algum problema ou alguma situação que não é um problema, mas que a criança vai passar, o pai vai passar...”</i>	Sempre vêm à escola. O projeto preocupa-se com a criança conversando com os pais, para amenizar algum problema que a criança possa vir a passar. Prevenção.

3. Qual o ponto fraco do projeto?

Nº do doc.	Resultados	Interpretação
E103	<i>“... um deles é a falta de algumas informações pra que flua bem esta relação professor e estagiário de psicologia... A interferência numa hora</i>	Falta de informação. Interferência em sala de aula.

	<i>de uma atividade, invés de participar, é desfez a atividade, prejudicou a atividade, bagunçou e as crianças dispersaram e eu não consegui fechar aquela atividade...”.</i>	
E203	<i>“... eu acho que vocês deveriam estar mais tempo e mais vezes durante a semana, porque, às vezes, assim, coisas que acontecem, vamos supor na segunda feira, só que, até chegar na sexta, às vezes a gente já esqueceu de comunicar ou então a gente não vai passar pra vocês como aconteceu no momento, entende?”.</i>	Pouco tempo na escola.
E303	<i>“... fica muito pouco tempo e às vezes vocês chegam numa hora que imprópria, que a gente não pode falar, dar atenção que vocês querem... É isso, eu acho que pouco tempo, vem dar uma passadinha, uma olhada, aí a criança chora, quer atenção, aí pega e vai embora, aí começa a chorar ou entra e a criança começa a chorar. Então eu acho que teria que ser um estágio com mais tempo”.</i>	Pouco tempo na escola. Atrapalha a dinâmica da sala.
E403	<i>“... eu não sei assim se vocês trabalham com crianças assim, se é só com as crianças, com os pais, é com as crianças e com os pais, eu não sei realmente mesmo no que assim vocês trabalham com elas, se é a disciplina, se é assim alguma deficiência, essas coisas assim”.</i> <i>A: “Então você acha que o ponto fraco da gente pra você é a questão da informação, da gente tá explicando melhor pra você, é isso?”</i> <i>E4: “É isso realmente o que é que vocês fazem realmente mesmo e o que vocês estão trabalhando, que tipo de criança, assim que vocês trabalham”.</i>	Falta informar o que trabalhamos com a criança.

E503	<i>“... eu não tenho que dizer do fraco, porque, em todas as circunstâncias, pra mim tá sendo ótimo. Não tenho que dizer. Porque nem tudo, nem todas as pessoas que começam a conhecer o projeto, o trabalho de ambas as partes, ele não tem que chegar e tá no conhecimento de todos, tudo, né? Sempre uma falhinha tem, mesmo a gente que está aqui, a gente sabe, imagina, mas a gente no diálogo, unido, a gente consegue um trabalho bom. Entendeu?”</i>	Não tem ponto fraco.
E603	<i>“Fraco eu não acho não. Todo dia vocês passam aqui, o que vocês fazem é muito bom”.</i>	Não tem ponto fraco.
E703	<i>“Não sei mesmo, conversam com as mães e vocês pegam geralmente só as crianças que a gente vê que tem alguma coisa, né?”</i>	Não tem ponto fraco.
E803	<i>“Fraco, eu não acho nenhum ponto fraco em vocês não”.</i>	Não tem ponto fraco.
E903	<i>“Quando eu entrei aqui, também já tava andando, não tive muita clareza deste trabalho, os objetivos, os itens que seriam trabalhados. Eu sei, assim, um pouquinho que vocês conversaram comigo no ano passado o que vocês conversaram comigo aqui na reunião. Eu vejo vocês não vêm muito pra cá então já fica mais difícil. Eu acho assim, o trabalho no ano passado, eu já coloquei isso numa avaliação. Eu acho que deveria abranger a equipe de trabalho”.</i>	Falta informar claramente os objetivos do projeto. Pouco tempo na escola. Abranger a equipe de trabalho.

4. Quem é o psicólogo para você?

Participante	Resultados	Interpretação
E104	<i>“Olha, uma pessoa, um profissional com uma competência que vai tá ajudando no bem-estar de outra pessoa que necessita a princípio, né? Agora, se a gente quiser aprofundar isso, vai tá trabalhando o emocional, vai tá trabalhando o comportamento, vai tá trabalhando traumas, vai tá trabalhando as necessidades do sujeito...”</i>	Um profissional que ajuda no bem estar.
E204	<i>“... eu acho que é uma pessoa que vai ajudar, porque todos nós temos problemas, e eu acho que ele vai ajudar nos problemas, resolver os problemas, achar um caminho para resoluções de problemas de comportamento, problemas de socialização”</i>	Ajudar a resolver os problemas.
E304	<i>“... eu acho que é uma pessoa que ajuda as outras pessoas que esteja com alguma dificuldade, com a criança que tenha algum problema. Eu entendo isso, não sei se é realmente isso, mas eu acredito que seja...”</i>	Ajudar quem tem alguma dificuldade.
E404	<i>“Antigamente eu achava assim, psicólogo seria só pra louco, mas não. Psicólogo é bom pra gente tá desabafando, falando dos problemas, ele tá orientando e ajudando a gente como resolver. E isso? Eu acho que eles orientam bem, tão aí pra ajudar e eu acho que o trabalho do psicólogo e a pessoa que precisa é muito bom, porque desenvolve bastante”</i>	Orientar e ajudar na resolução de um problema.
E504	<i>“O psicólogo é um, uma ajuda. Uma ajuda quando a gente tá, sabe, é uma ajuda oral, né? Ajuda oral, uma ajuda física, entendeu? Enfim é, é”</i>	Um profissional que ajuda, que escuta os problemas.

	<i>um assim, um desabafo pra gente se sentir bem rápido. É um desabafo pra que a gente possa se sentir bem...”</i>	
E604	<i>“Psicólogo é um orientador que ajuda as pessoas, no caso que vocês estudaram pra isso, né? Eu não posso dizer como que vou examinar as pessoas se eu não tenho este estudo, e vocês têm”.</i>	É um orientador que ajuda as pessoas.
E704	<i>“Eu acho que, assim, não sei se porque tive problema com minha filha, mas é uma pessoa que ajuda muito. Coisas que a gente não sabia como resolver, aprende a resolver. Aí você vê que não era nada daquilo, sabe?... Pega coisa lá do fundão, que não tinha nada a ver, mais que tá prejudicando agora, faz a gente enxergar, né!”</i>	Ajudar a resolver um problema.
E804	<i>“... é uma pessoa que orienta, ajuda principalmente as pessoas que têm problema”.</i>	Um orientador que ajuda na resolução de problemas.
E904	<i>“... ele pode fazer tantas coisas dentro de vários ambientes; industrial, institucional, familiar. Trabalha acho que todos os aspectos do ser humano. Criança acaba trabalhando a aprendizagem indiretamente, mas acaba trabalhando, trabalha mais no emocional”.</i>	Profissional que pode atuar em vários ambientes, buscando trabalhar todos os aspectos do ser humano, mais o emocional.

5. O que você espera que ele faça na escola?

Nº do doc.	Resultados	Interpretação
E105	<i>“É olhar diferente do pedagogo... em relação ao comportamento e às atitudes da criança e que ele me passe esta informação pra que ele melhore minha tarefa e meu profissional, no meu lado profissional no</i>	Ajudar no trabalho do pedagogo, trocando informações.

	<i>trabalho. Então ele vai me acrescentar com as informações, com as colaborações, com as participações neste sentido...”</i>	
E205	<i>“Que ele arrume uma solução pra estes problemas (ela sorri), que é o mais forte que eu acho com as crianças, eu acho importantíssimo o papel de vocês em relação aos pais destas crianças, porque tem coisas que as crianças, é que a gente percebe, mas que a criança na realidade num é da criança, e sim dos pais, né? Então acho importantíssimo este contato que vocês têm com os pais, eu acho, uma coisa que eu acho importantíssimo que vocês continuem fazendo este trabalho. Eu, pelo menos, acho necessário ter uma pessoa especializada pra trabalhar com a gente, porque eu acho incrível professores dizerem que num achem necessário ter um psicólogo na sala. Eu acho, eu gostaria que sempre tivesse, que nós não somos especialistas nesta área”.</i>	Resolver os problemas e trabalhar com os pais.
E305	<i>“Que ele me ajude com as crianças que têm algum problema com família, né? Pois eu acho que, antes de você tá com a criança, tem que tá com a família, porque não adianta só a criança e a família não. Eu acho, ele teria que ser sempre com a família da criança”.</i>	Ajudar o educador e trabalhar com a família.
E405	<i>“Que ajude a gente a trabalhar bastante com estes pais, porque, com a criança, não é tanto do jeito que ela é porque ela quer, porque eu acho que vem de casa, um tratamento completamente diferente e a gente tá aqui é pra educar. Em casa a gente não sabe como é. Espero assim que vocês trabalhem mais com os pais deles do que com eles...”</i>	Ajudar o educador e trabalhar com a família.
E505	<i>“Continue fazendo o trabalho que vocês fazem, viu? Que continue</i>	Que faça o nosso serviço, trabalhar em

	<i>fazendo o mesmo trabalho que vocês fazem ... com essa mesma dedicação que vocês têm, assistência, entendeu? Porque ninguém é perfeito, todos nós erramos. Acho que por isso precisamos ser um grupo forte, pra colocar as coisas em ordem, né! As falhas corrigir, uma cabeça ajudando a outra, né?"</i>	conjunto.
E605	<i>"Ajuda nós a olhar as crianças. Fazer o que vocês fazem, ajudando. Nossa! É muito bom. Pra melhorar mais ainda".</i>	Ajudar o educador.
E705	<i>"Este trabalho de ajudar os pais destas crianças problemáticas, têm muitos problemas estas crianças, a vidinha deles não é fácil, cadeia".</i>	Trabalhar os pais.
E805	<i>"Que ele continue fazendo o que vocês fazem aqui".</i>	Que faça o nosso serviço.
E905	<i>"Uma colaboração aos educadores, famílias, crianças, uma grande necessidade aqui nesta escola..."</i>	Colaborar com os educadores, família e crianças.